Obras Completas
de A. F. de Castilho

EMPREZA DA HISTORIA DE PORTUGAL
SOCIEDADE EDITORA
LIVRARIA MODERNA — TYPOGRAPHIA

OBRAS COMPLETAS

DE

ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO

VOLUME 12.º

VOLUMES PUBLICADOS:

I — Amor e melancolia.
II — A chave do enigma.
III — Cartas de Ecco e Narciso.
IV — Felicidade pela agricultura (1.º vol.)
V — Felicidade pela agricultura (2.º vol.)
VI — A primavera (1.º vol.)
VII — A primavera (2.º vol.)
VIII — Vivos e mortos—Apreciações moraes, litterarias, e artisticas.
IX — Vivos e mortos (2.º vol.)
X — Vivos e mortos (3.º vol.)
XI — Vivos e mortos (4.º vol.)
XII — Vivos e mortos (5.º vol.)

NO PRÉLO:

XIII — Vivos e mortos (6.º vol.)

OBRAS COMPLETAS DE A. F. DE CASTILHO

Revistas, annotadas, e prefaciadas por um de seus filhos

XII

VIVOS E MORTOS

APRECIAÇÕES
MORAES, LITTERARIAS, E ARTISTICAS

VOLUME V

LISBOA
EMPREZA DA HISTORIA DE PORTUGAL
Sociedade Editora

LIVRARIA MODERNA || TYPOGRAPHIA
Rua Augusta, 95 || 45, Rua Ivens, 47

1904

SUMMARIO

LXXXVI

DUELLOS

(Maio de 1843)

¿Ha casos em que o desafio seja licito?

Eis aqui uma questão eminentemente social, que já principiou a ser tratada sabbado 20 na Sociedade escholastico philomatica.

O snr. Mendes Leal e o snr. Silva Tullio defenderam a negativa; o snr. Daniel Augusto da Silva a affirmativa.

Muitos outros oradores estão já inscritos para as seguintes conferencias; e parece que os impugnadores do duello são em maior numero do que os seus partidarios.

Sendo assim, como suppomos e cordealmente desejamos, este facto só por si offerece já um ponderoso argumento. E' uma sociedade de mancebos cheios de timbre, de pondonor, e de illustração, a que tem de votar contra esta preoccupação anti religiosa, anti-civil, anti-philosophica, e anti-humana.

Um uso, que só foi introduzido na Europa em dias de ignorancia, e por povos barbaros, merece bem que os allumiados filhos de um seculo politico o extirpem e o confundam.

(Rev. Univ.)

LXXXVII

O JOGO

(Maio de 1843)

Por motivos attendiveis nos esquivamos a imprimir uma carta, que, assignada por *Um roubado ao jogo*, nos foi ha dias remettida. N'ella se queixa o pobre taful, com toda a apaixonada eloquencia de quem acaba de ver o seu oiro transvazado a subitas para alheias bolsas por artes magnético-diabolicas, contra a multiplicidade das casas de jogo particulares, semi-publicas, e publicas, abertas, frequentadas, ¡e soffridas n'esta cidade! Grande é o numero das que nos designa pelo nome da rua e numero da porta, e medonha a relação circumstanciada em que entra, a respeito dos povoadores de algumas, da lôrpice de uns, e das manhas de outros. Trinta e dois exemplos, que nos refere como testemunha ocular (ou quasi ocular) de pessoas por aquelle meio arruinadas em todo o seu haver e muitas vezes no alheio, são pontos em tanta maneira graves, envol-

vem tantos créditos, e com tantas relações de familia se complicam, que, ainda assignada e reconhecida, nunca tal carta publicáramos.

Só diremos que, sendo estes factos verdadeiros, como sabemos que são a maior parte, e provavelmente o serão todos, e além dos nossos *todos* podendo haver muitos ainda, assombrosa coisa nos parece, pelo menos, que o olho, o ouvido, a mão da sociedade, chamados Policia, não hajam enxergado, sentido, afferrado, e desfeito, um só d'estes ninhos peçonhentos de viboras.

*

Blazonamos, com uma especie de jactancia, a segurança das nossas ruas; mas, em quanto os lampiões das horas mortas vêem passar de continuo, em vez do punhal furtivo do ladrão e assassino, as armas pacificas dos calados protectores da propriedade alheia; em quanto, ao primeiro ai que denuncie violencia, confluem, de vinte partes differentes, valedores inesperados; em algumas d'estas mesmas casas, que a força publica anda por fóra guardando com desvélo, e quasi com amor de mãe, que vigia por que lhe não quebrem nem perturbem o somno de seu filho; em muitas casas d'estas, cujo exterior hypocrita, ás escuras, com os olhos fechados, arremeda o somno, passam-se coisas extranhas; vão mysterios de iniquidade; perpétram-se os mais negros flagicios contra individuos, contra a sociedade; immolam-se com gravidade solemne, sobre um cadafalso odioso. as horas, a fortuna, as esperanças, as virtudes, a honra.

Em comparação de taes casas, as da crápula e as da incontinencia são ainda modelos de decencia e honestidade.

Um pouco de oiro, de saude, e de fama, eis ahi o que n'estas consomem os seus devotos, recebendo em troca a satisfação de desejos, desregrados sim, mas naturaes na sua origem.

Nos covís do jogo, pelo contrario, são desejos feitiços e phantasticos, os que lá conduzem; são sentimentos de hostilidade perpétua, os que lá refervem; são sementes de todos os crimes e miserias, as que de lá se diffundem.

Em roda d'aquelle monte de oiro, que de continuo, e por uma industria calculada, se desmancha, se reforma, e se dispersa, para de novo se reunir; em roda d'aquelle monte de oiro, em que tantos olhos ardentes estão fitos, e em que vão quebrar-se os suspiros de tantos labios febricitantes e convulsos, e as maldições tacitas de tantos corações ralados, ¿sabeis o que por ventura se está auspiciando nos reflexos pallidos do metal sinistramente allumiado? a fome e a nudez de uma esposa virtuosa; e talvez peor ainda: a fome, a nudez, de filhinhos innocentes, para já; para depois, a mingua de educação e de costumes; para mais tarde, a penuria, os trabalhos, emfim o desprêzo ou o crime, a vergonha e o supplicio.

*

¿E cessa aqui? não.

Aquella pilha de oiro tem influxos magi-

cos. O jogador não pára, senão onde o caminho se lhe acabou.

Se é marido, e já despojou a mulher; se é pae, e já despojou os filhos; se é filho, e já despojou os paes, os irmãos, os parentes...... irá ainda despojar os amigos, os conhecidos, todos os que n'elle se fiarem, e a final os extranhos; primeiro com industria, depois com furto, depois com roubo, depois com assassinio.

Nada haverá para elle sagrado, senão a divida do jogo.

Os companheiros de Diogo Alves e Mattos Lobo eram famosos jogadores.

*

....¡Deus sabe que Mattos Lobos e que Diogos Alves se não estão preparando á roda de alguma meza de jogo, na hora deserta e santa da noite em que estas tristezas escrevemos!

¿E se assim fôr?

¿Como responderá, perante os Ceos e a terra, a Autoridade que houver cerrado os olhos para não ver, tapado os ouvidos para não ouvir, e atado as mãos para não obrar?

¡Oh! que não quizéramos nós ser ella. Não o quizéramos por todos os cabedaes que n'essas frágoas desalmadas a cada minuto se estão derretendo e sumindo.

(*Rev. Univ.*)

LXXXVIII

IGNACIO MARIA FEIJÓ

Necrologia litteraria

(Junho de 1843)

A 23 de Maio falleceu de um aneurisma o snr. Feijó, bem conhecido pelas suas traducções e imitações de peças theatraes, e pela sua bonita comedia original do *Camões do Rocio*.

Severos para com os seus escritos, emquanto a severidade de uma critica sincera podia servir para o encaminhar, e impedir que o seu engenho, facil e fecundo, mas pouco instruido e mal preparado, se despenhasse, hoje deploramos sinceramente a sua perda, já porque seus dotes naturaes, quando o tempo e a experiencia lh'os houvesse amadurecido, haviam de ser para muito, já principalmente pelo que temos agora ouvido de qualidades suas, que valem mais do que toda a poesia: das suas virtudes domesticas, do seu amor conjugal, e do seu amor paterno.

Mal aquinhoado dos bens da fortuna, o snr. Feijó não possuia para manter a sua familia senão o seu trabalho. As horas que lhe sobravam do ensino do francez, em que tinha grande crédito, occupava-as em compôr e traduzir dramas, pelos módicos salarios com que se ahi pagam taes fazendas.

Tinha o pressentimento da morte; queria juntar, que deixasse aos seus orphãos e viuva. Para o conseguir, cortava pelas horas da recreação, do descanço, e até do somno. Apressava o termo, sem o querer; e pensando n'elle, e vendo, ao mesmo tempo, mais algumas moedas de prata ajuntar-se debaixo de seus olhos, para continuarem a ser pão na meza dos seus, quando elle já ahi se não sentasse, sorria tristemente, beijava os filhos, enxugava uma lagrima, e retomava com dobrado impeto a sua tarefa matadora.

Os seus restos mortaes jazem no cemiterio do Alto de S. João; os seus escritos, que já deram tão agradaveis serões ao povo da Capital, continuarão ainda algumas vezes a attrahil-o.

A Empreza actual, que é nobre e generosa porque é portugueza e artista, não deixará de lhe dar um testemunho de gratidão e apreço, representando qualquer de suas obras em beneficio de sua familia desamparada.

¿E qual de nós não concorreria para uma obra de tão verdadeira caridade, e de tão nullo sacrificio?! ¡Receber um serão de deleite e desafogo, em recompensa de haver consolado na miseria os filhos de quem foi

autor de tudo isso, e que lá onde está nem já tem mão para trabalhar, nem sequer voz para interceder pela boa sorte dos que amou ainda além, e muito mais, do que a propria vida!!...

(*Rev. Univ.*)

LXXXIX

A SEDA

(Junho de 1843)

A petição que abaixo transcrevemos, foi ha dias apresentada ao Governo, e não póde tardar em sahir com bom despacho. Todos os empenhados na prosperidade d'este Reino o desejarão tão anciosamente como nós.

A seda é uma industria que se acha apenas introduzida em Portugal, mas que, se chegar a crescer e a aperfeiçoar-se, muito ha de fazer para a nossa prosperidade. Por convencidos d'isso, é que tantos artigos temos já dado a este assumpto, em que muitas vezes ainda havemos de insistir. Vejam-se os 202, 256, 635, 856, 904, 1292.

Posto que o requerimento, que estampamos, encerra superabundantes razões que o recommendam, queremos ainda corroboral-as, apontando aqui um poucochinho do que sabemos a respeito do seu autor.

*

O snr. Luiz Tinelli, depois de haver militado, não só no Exercito piemontez, mas tambem em Hespanha na guerra de 1823, recolheu-se em 1825 ás suas fazendas na Lombardia.

Os mil olhos do Argus austriaco não se desfitavam de sobre os Italianos liberaes. Tolhidos para todo o genero de acção ou influencia publica, transferirám estes a sua actividade para o estudo das sciencias materiaes, para o aperfeiçoamento da Agricultura, e da Industria.

O snr. Tinelli consagrou-se quasi totalmente a introduzir na sua Patria todos os melhoramentos agronomicos e industriaes, que nos outros Reinos se descobriam ; mas os seus mais solicitos desvelos fôram para a seda, por ser dono de grandes e excellentes amoreiras, e de uma fabrica onde já ella se manufacturava com bom crédito.

Em 1830 fundou tambem uma fabrica de loiça fina, perto de Milão, que é ainda agora unica em todo o Reino Lombardo-Veneziano.

As mal afórtunadas tentativas de 1831, e as machinações de *La. Giovin Italia* suscitaram perseguições, que arrancaram o snr. Tinelli do centro da sua familia, e dos seus queridos e já medrados estabelecimentos, despenhando-o para o fundo das masmorras, que já d'antes se haviam afamado (ou infamado) com o martyrio de Silvio Pellico e do Conde Gonfalonieri. Correu o processo, ou, para dizer melhor, arrastou-se como ser-

pente tortuosa, ou como todos os processos politicos d'aquellas malfadadas terras, até que a final desfechou na sentença de morte.

Por graça do Imperador de Austria, foi o nosso, com muitos outros prezos illustres, posto fóra de Italia, e trasladado para os Estados-Unidos. Ahi, dentro em pouco tempo grangeou amigos, até entre os mais autorisados e influentes na Republica, o que lhe abriu caminho para fazer, como bom e agradecido hospede, alguns serviços de valía.

Foi elle um dos primeiros, que lá introduziram a cultura da seda, dando a conhecer, e propagando, as duas especies de amoreiras recem mettidas na Europa; a saber: a *morus multicaulis*, das Ilhas Filippinas, e a *morus macrophylla*, da China. Ajudou as boas obras com as doutrinas e persuasão, lançando instructivos artigos sobre o assumpto nos papeis publicos, e imprimindo sobre elle varios folhetos especiaes.

D'elles possuimos dois, merecedores, sem duvida, de serem consultados.

Intitula se um: *Hints on the cultivation of the Mulberry, with some general observations on the production of silk. — New-York —* 1837.

O outro: *An address delivered by L. Tinelli etc. before an assembly of silk culturists.*

Estas publicações lhe grangearam a nomeação de Membro do *Instituto Americano*, e da *Sociedade de Agricultura* de Boston.

Em virtude de uma representação, feita pelo snr. Tinelli á Legislatura do Estado de Nova-York, concedeu o Governo diversos

premios pecuniarios por cada libra de seda fabricada, e por cada libra de seda em casulo. No mesmo anno recebeu, em remuneração dos seus trabalhos, uma medalha de oiro do *Instituto Americano*.

Em quanto assim o tratavam os homens a quem beneficiava, o clima pouco amoroso, e mal afinado pelo bello ceo da sua Italia, o repellia, aggravando-lhe os estragos, que já na saude lhe haviam encetado as perseguições e os desgostos, os largos estudos e fadigas. Requereu, e conseguiu, ser enviado Consul para a cidade do Porto, onde ao presente se acha, dominado como d'antes, e como sempre, da nobre ancia de ser util.

Eis aqui os Estrangeiros a quem se deve todo o favor e agradecimento. São estes, e só estes, que, em vez de virem supplantar os nossos talentos, ludibriar e empobrecer a nossa terra, associam com o seu o nosso proveito, e criam industrias salvadoras.

No dia do Juizo nacional, o Patriotismo illustrado porá á sua direita os plantadores das arvores e fabricas uteis, e á sua esquerda os semeadores de *agriões* de pedra, da opera lyrica, e dos dramas cannibaes; os primeiros para o premio, os segundos para o diabo que os confunda

(Segue o Requerimento etc.)

(*Rev. Univ.*)

XC

MUDANÇAS DE CASAS

(Junho de 1843)

O escritorio de registo das casas para alugar, e os editaes afixados nas portas das mesmas, são expedientes faceis; mas outro ha, preferivel por mais facil e mais commodo.

Determine a Camara, por uma postura, que, até ao dia tantos de tal e tal mez, os senhorios lhe remettam a noticia da casa que teem para alugar; com as seguintes declarações: nome de rua, numero de porta, andar, commodos, preço, nome e residencia do senhorio.

A mesma Camara mande ajuntar todas estas declarações, distribuindo-as por tantos titulos quantos são os bairros, ordenando as de cada bairro pela escala dos preços, desde o maximo até ao minimo.

Faça imprimir este caderno, sendo paga a despeza da impressão pelos mesmos senhorios, cada um dos quaes, com a sua respectiva declaração deverá para isso haver en-

tregue a pequena quantia que se julgar rasoavel, por exemplo 100 reis. Publique-se este caderno, e annuncie-se pelos periodicos.

D'ahi por diante, cada qual, por tres ou quatro vintens, que lhe poderá custar um exemplar d'elle, terá o gosto de correr todas as casas da cidade sem sahir do seu quarto, ao mesmo tempo que este registo publico tem de impedir muitas connivencias fraudulosas entre senhorios e inquelinos, para fingirem arrendamentos mais baixos, e defraudarem assim (como talvez acontece) o Thesoiro publico na cobrança d'este tributo.

(Rev. Univ)

XCI

DUELLO

(Junho de 1843)

O snr. Garrett, orando no Parlamento sobre a prisão de dois Deputados, censura certa falta de delicadeza, com que ás vezes, diz elle, a força-armada se porta para com os cidadãos inermes.

Consta-lhe depois, que attribuiram ás suas palavras intenção offensiva contra a Guarda Municipal. Apressa-se em combater esse erro pela Imprensa, e, espontanea e nobremente, elogia a disciplina da Guarda, a probidade e virtudes do seu Commandante; mas, quanto á Linha, cita factos de violencia commettidos publicamente por um ou dois dos seus membros.

Official de Linha, o snr. Joaquim Bento Pereira julga enxovalhado o Exercito; e, para o desafrontar, insere no *Diario do Governo* uma carta, que, depois de ridiculisar, increpar, e desmentir ao snr. Garrett, termina com estas palavras:

«Se alguem me perguntar por que me contento com esta declaração, responderei em duas palavras: porque satisfações de outra natureza só se exigem de quem as quer e sabe dar.»

O snr. Garrett responde para logo no mesmo jornal:

«Ill.mo Snr. Redactor do *Diario do Governo*.

«Rogo a V. S.a o favor de inserir estas linhas na sua folha de amanhan, lembrando-lhe que n'estes tres dias não haverá outra folha publica em Lisboa, e que, a não serem amanhan insertas, eu seria condemnado, por todo esse tempo, a um silencio, que não quero nem devo guardar sobre a carta inserta no seu numero de hoje, e assignada pelo snr. Joaquim Bento Pereira. Se tanto é preciso, requeiro o em nome da Lei.

«Eu dei explicação das minhas palavras a uma pessoa de quem sou amigo, principalmente porque me não foi exigida. Se o fôra, não a dava.

«O que na referida carta se diz, e o que se quer dar a entender, n'este ponto e nos outros todos, é falso.

«Mas é falsissimo sobretudo, que um homem de bem *não saiba*, ou *não queira*, dar *satisfação* de outra natureza.

«Eu sei o que basta, quero, sendo preciso, e estou prompto a dar satisfação de qualquer natureza que se me peça, e que se julgue dever eu dar.

«Sou deveras etc.

«J. B. de Almeida Garrett.»

«Quinta feira de manhan, 22 de Junho de 1843.»

Sabbado 24 o snr. Domingos Manuel Pereira de Barros procura o snr. Garrett da parte do seu antagonista, perguntando-lhe se acceita um duello. Sobre a resposta affirmativa, pede-lhe declare o padrinho que elege. O snr. Garrett dá o nome do snr. Cesar de Vasconcellos. Os outros dois padrinhos foram, por parte do desafiante o snr. D. Miguel Ximenes, e por parte do desafiado o snr. José Estevam Coelho de Magalhães. E no mesmo dia, ás 5 horas da tarde, tódos os seis cavalheiros appareceram no logar aprasado junto aos Arcos das Aguas livres, a antiga e afamada paragem dos suicidas e homicidas.

Decidiram os padrinhos que fosse o combate á pistola, á sorte, e a vinte passos.

O snr. Pereira, a quem a sorte concedeu a primasia, dado o signal dispára para o ar. O snr. Garrett faz outro tanto.

O snr. Pereira requereu, ao sahir-lhe a sorte, e depois de disparar, um tiro livre para o snr. Garrett, o que lhe foi excusado pelos padrinhos, e dispensado pelo seu contrario.

«Terminado o combate, — accrescenta a *Revolução de Setembro* — os padrinhos fizeram reconciliar os contendores, e um e outro trocaram então phrases, que de certo os honram muito. Um, vinha defender a honra militar, que julgou ultrajada; o outro, veio mostrar que não sabia recusar-se a nenhum meio de defender a sua propria.»

*

No Publico uns approvam, outros reprovam este duello. Nós só faremos uma per-

gunta, a que será muito difficil responder: e é a mesma, que fazia um celebre Mathematico francez, depois de ter assistido no theatro, com a maior attenção, a uma tragedia de Racine:

—¿ Qu'est-ce que tout cel ı prouve?

Se, depois d'esta pergunta, quizessemos fazer outras, não nos faltaria sobre quê.

¿Era o snr. Garrett offensor do snr. Pereira, ou o snr. Pereira offensor do snr. Garrett?

¿ A offensa do snr. Garrett ao snr. Pereira requeria homicidio?

¿ Requeria homicidio a offensa do snr. Pereira ao snr. Garrett?

¿Havia, ou faltava, na Imprensa, nos Tribunaes, meio legal de reparação para um e para outro?

¿Sahiram aquelles dois senhores dos pés dos Arcos das Aguas-livres com mais fama de valorosos do que d'antes tinham?

¿ Ha alguma especie de valor em despresar a vida, a vida que é para os bens o que é a tela para as tintas, base e condição primeira e indispensavel para o complexo e matiz de todo o genero de felicidades?

¿Esta vida (pondo ainda de parte as considerações espirituaes), poderá um entendimento recto arriscal-a jamais com serenidade?

E não podendo, ¿que significa o sanguefrio, que os praticos do officio de espadachinar elogiam sempre nos duellistas?

¿Que significa, em abono do Exercito, um tiro disparado no vento pelo desafiante?

¿E, se em vez de se disparar no vento, esse tiro houvesse derribado, não um Magistrado (que esses póde creal-os de subito a Rainha), não um Deputado (que assaz e de sobejo ha quem os substitua), mas um talento insigne, um Poeta de primeira ordem?

Quem, por um motivo pueril, desfizesse essa cabeça, ¿como poderia jamais indemnisar a sua Patria das producções futuras e possiveis d'essa cabeça?

Pensem, e respondam; mas claramente, mas sem argucias, nem phrases empoladas, mas em estylo que homens, mancebos, e mulheres, comprehendam.

Lançamos este mote aos partidarios do duello.

(*Rev. Univ.*)

XCII

DUELLOS

(Junho de 1843)

Não tem o duello entre os homens pensadores um só verdadeiro partidario.

Os talentos que mais o defendem, confessam que é elle, por muitos modos, um mal; e só o admittem como unico meio de obstar a males ainda maiores, quaes são a vingança instinctiva e subita, e, na falta d'ella, o desenvolvimento, que, pela impunidade ganharia a petulancia dos atrevidos.

Em se podendo estabelecer um tribunal, onde a sociedade puna sempre o que hoje os particulares se vêem obrigados a punir por sua mão, o duello — dizem elles — deve acabar, como deveriam acabar os remedios amargos e nauseabundos da Medicina, e os horriveis instrumentos cirurgicos, no dia em que a humanidade atinasse com uma panacêa universal e infallivel

Finjâmos embora que até lá se deve tolerar por indispensavel o illegitimo, o incons-

titucional, o deshumano, o sophistico, e o anti-christão uso dos duellos. Perguntamos só, se n'essa indispensabilidade de os haver se contém virtual e necessariamente a necessidade de serem elles apostas de sangue e de vidas Ninguem tentaria sustental o.

A medicinal virtude do duello não consiste, como a de certos feitiços de que résam os contos das bruxas, em terra de sepultura fresca amassada com gordura de defunto, e aquecida ao som de palavras cabalisticas sobre o lume verde de mão de enforcado cortada e acceza. Não : a sua presupposta efficacia provém, toda e unicamente, da ideia de um perigo, de qualquer natureza que este seja, uma vez que seja grande, uma vez que o seu objecto nos interésse fortemente.

*

¿E será por ventura um paradoxo affirmar que uma aposta, que verse, por exemplo, sobre as riquezas, será ainda mais terrivel que a dos combates singulares quaes hoje se costumam, e portanto mais idónea para reprimir a protervia dos Quixotes brigões, dos peralvilhos mal ensinados, que talvez nenhuma outra educação tiveram, mais do que aprender a atirar a um alvo, ou a esgrimir a espada preta ?

Não é paradoxo, se não verdade manifesta. Ha mais pródigos da vida, que dos haveres. As provas d'isso andam aos olhos de toda a gente.

Mas apertemos ainda esta consideração :

A aposta do sangue e da vida seria ainda

uma coisa solemne, se a consciencia mesma d'essa solemnidade a não houvesse tornado já irrisória. A maior parte dos desafios resolvem se n'uma troca de cartas de ridiculas explicações, ou n'uma troca de saudes e abraços, mais vãos que os dos actores em scena, mais falsos que o de Judas.

— O combate, porém, realisa-se muitas vezes.

— Poucas, porque os absurdos maximos são raros; e de cem vezes que se realisam, só uma caem mortos ambos os adversarios; das noventa e nove, só duas morrerá um d'elles; das noventa e sete, só tres ou quatro ficará um d'elles condemnado a uma vida achacosa e abreviada; e em todos os noventa e tres casos restantes, nem a côr do sangue se chegou a ver.

O duello corporal tem, além de todos os outros defeitos e vicios radicaes, o de ser um perigo, em que a possibilidade do mal é quasi nulla, e nulla inteiramente para o materialista, abhorrecido do mundo e de si mesmo.

Substituida a esta a aposta do dinheiro, que representa e resume todas as commodidades terrestres, e confiando se á sorte a decisão, e cumprindo-se esta infallivel e rigorosamente, é indubitavel que n'este novo duello o perigo (já que é *perigo* o que se deseja) será muito maior, e versará sobre materia em que não ha scepticos nem incrédulos.

Objecções:

1.ª — ¿ Que egualdade pode haver para o duello entre o pobre e o rico?

2.ª — ¿ Como pode qualquer dispôr de bens, que pertencem tambem á sua familia?

3.ª — ¿ Como se prova, ou se refuta, uma injuria, ganhando ou perdendo uma determinada quantia?

Responderemos brevemente, porque este artigo não é mais do que um apontamento.

*

Primeiro: Se a desegualdade dos haveres é um impedimento dirimente para os duel los de oiro, a desegualdade de forças, de dextreza, de sangue frio, é outro impedimento dirimente para as apostas de ferro. Se a perda, que arruinaria o necessitado, seria imperceptivel para o opulento, tambem a morte para um velho, enfermo, atribulado, solitario, cheio de remorsos, vazio de esperanças, e desallumiado de Fé, nada tem que ver com a morte de um mancebo, virtuoso, sadío, festejado por seus talentos na sociedade, adorado em sua casa por uma esposa e filhos, para quem tem gosto, necessidade, obrigação rigorosa, de existir.

Viviam em nosso tempo Homero e Zoilo. Sahia Homero com a sua *Iliada*; cahia-lhe Zoilo com as suas satyras; dizia lhe que não era poeta, porque não tinha feito uma ode. Homero, que tinha cantado a cólera, não se encolerisava, mas chamava tolo a Zoilo. Zoilo, vendo-se atacado com balda certa, enfurecia-se, e mandava um cartel a Homero; e Homero, que *aliquando dormitat*, acceitava.

N'uma bella manhan, paravam quatro seges de bandeirinha no Campo-grande; sahiam d'ellas Zoilo, Homero, e dois pares de Mirmidões, chamados *padrinhos*. Carregavam-se pistolas, atirava-se, cahiam ambos; e morria um só homem; ou cahia um só; e esse era provavelmente o grande Poeta, porque, já peticego pela sua muita applicação ou velhice, não fizéra tão bem a pontaria como o adversario, que não queimára nunca as suas pestanas. O grande papalvo, depois de lhe ter dilacerado os escritos, acabava de lhe descoser os miolos, e de vazar d'elles, á vista de quatro convidados de pedra, o germen de uma *Odisséa*, que já prin cipiava a desenvolver-se.

¡Oh! ¡grande, oh maravilhosissima egualdade!...

E todavia, mais ou menos grande, mais ou menos atroz, ella existe sempre, e ha de sempre existir, no duello que defendeis; em quanto n'este, que propômos, nada ha mais facil do que fazel-a desapparecer, cotejando-se, por uma louvação entre os arbitros, os haveres do desafiante com os do desafiado, e estabelecendo-se n'essa proporção o *quantum* de cada um para aquelle jogo.

*

Segundo: Do meu dinheiro — dizeis vós — não posso dispôr, porque pertence tambem á minha familia.

Dizeis bem: mas explicae-me então: ¿ como é que eu posso dispôr da minha saúde ou da minha vida, que tambem lhe pertencem,

e que representam o seu dinheiro futuro, além de muitas outras coisas? ¿ Roubarei eu mais a meus filhos, perdendo-lhes dez, vinte, ou cem moedas, do que fazendo os orphãos, defraudando-os voluntariamente da educação, da protecção, do amparo de todo o genero, a que a Lei escrita, a Lei religiosa, a Lei natural, e a voz do meu proprio coração, me obrigam?

*

Terceiro: Não entendeis que o perder ou ganhar uma determinada quantia possa ser prova ou refutação de um certo dito. Confesso-vos que nem eu.

¿ Mas entendeis vós que uma bola de chumbo tenha mais força logica do que uns discos de prata ou de oiro?

Se entre a affronta moral, e o dinheiro ganhado ou perdido, não ha nexo algum de raciocinio ¿ que nexo de raciocinio ha entre a mesma afronta moral e uma estocada dirigida ao corpo?

Se o que me calumniou de *ladrão* nada prova perante o mundo porque n'uma ulterior aposta me deu o seu dinheiro, ou me levou o meu, tambem eu, rachando-o em dois, ou sendo por elle rachado em quatro, nem mudei um ápice nas ideias alheias a nosso respeito, nem desfiz o damno que a sua maldade me havia causado.

*

Concluâmos:

Estes duellos novos seriam tão materiaes,

e quasi tão estupidos, como os velhos, mas teriam de menos a atrocidade repugnante.

¿Queremol-os nós?

Não. Trouxemol-os unicamente, para, por meio d'esta confrontação, tornarmos mais sensivel tudo quanto ha de insensato, escandaloso, e horrivel, n'esta anachronica selvajaria da moderna Europa, n'este (como bem lhe chamou o sr. Santos) morrão das luzes do seculo.

(*Rev. Univ.*)

XCIII

SOCIEDADE ESCHOLASTICO-PHILOMATICA

(Julho de 1843)

Os amigos das Lettras, os empenhados no progresso intellectual e moral da mocidade, devem agradecer ao Governo a graciosa cedencia, que a rogos do Ex^mo^ Snr. Conselheiro Silvestre Pinheiro Ferreira, protector da Sociedade Philomatica, fez á mesma Sociedade de uma excellente sala no edificio publico do Terreiro do Paço, entre as ruas Augusta e da Prata.

Já a conferencia litteraria de sabbado ultimo ahi foi celebrada; e se a ella não concorreu maior numero de ouvintes, foi por ainda no Publico se ignorar que se houvesse realisado a transferencia. O perto e central do sitio fará que o proveito d'aquelles instructivos debates abranja agora a muito maior numero de pessoas, e até que os bancos dos Socios appareçam muito mais povoados do que até aqui.

A questão do duello é a que anda na forja,

porfiosa e rijamente martellada por ambos os lados. Sabbado tem de orar pela segunda vez, a defendel-o, o snr. Daniel da Silva, mancebo de admiravel talento e vastissima erudição. Folgamos de que a opinião adversa á nossa tenha por si um contendor de tamanhas forças, porque se os seus argumentos forem (como esperamos) destruidos, fracos recursos poderão ficar no campo da dialectica aos espadachins. Acabando Heitor, acabou Troia.

Rev. Univ.

XCIV

EXPLICAÇÃO

(Julho de 1843)

Consta-nos que a pessoa, que no artigo 1900 designámos como o principal campeão da causa do duello na Sociedade Philomatica, recusára esse titulo, que nós julgavamos, e ainda agora julgamos, competir-lhe.

Não nos toca a nós (nem que nos tocára o pretenderiamos) estabelecer comparações, quasi sempre temerárias e sempre odiosas, entre o seu talento, e o de outros illustres mancebos que militam no seu campo.

O snr. Antonio da Cunha Sotto-Maior, e o snr. Luiz Augusto Rebello da Silva, teem pugnado com egual ardor, com egual energia, e cada um d'elles com a especie de eloquencia que todos lhe reconhecem, e de que nós já mais de uma vez havemos dado testemunho.

Entretanto, sem offensa de nenhum d'estes dois amigos nossos, repetimos que o Heitor d'aquella Troia é, em nosso conceito, o snr. Daniel da Silva.

.... in te omnis domus
Inclinata recumbit.

Partidarios sinceros do duello em theoria, e coherentes com os seus principios na pratica, todas as vezes que entendem que a honra o exige, o snr. Cunha e o snr. Rebello teem-se contentado de expôr as suas convicções em brilhantes improvisos; em quanto o snr. Daniel mostra haver mettido n'essa controversia um estudo assentado e porfioso, larga e infatigavel meditação, e todos os recursos de uma oratória sagaz e habilidosa. Os outros apparecem na batalha como cavalleiros bem armados, mui dextros, e de coração disposto; mas elle concertou e sustenta a guerra em todas as suas partes, como quem tomou *in solidum* o pezo d'ella. Acode a todos os pontos accommettidos ou ameaçados, e a todos os adversarios tem rosto. *Unus in omnes.*

Assim, a gloria de capitão, que os seus proprios auxiliares mais assignalados lhe não recusam, bem póde elle, por um realce de merecimentos, rejeital-a; mas restituir-lh'a e manter-lh'a a nós pertence; e tanto mais é esta nossa homenagem de acceitar, quanto, com egual sinceridade, declaramos, que até hoje nenhum dos verdadeiros argumentos contra o duello nos parece ter sido ferido por elle, nem levemente. De fina tempera são as suas armas, e valentissimo o seu pulso; ha porém duas coisas mais fortes que todos os pulsos, e todas as armas; e essas coisas são a rasão, e a consciencia.

Rev. Univ.

JOAQUIM MACHADO DE CASTRO

XCV

AS FILHAS DE MACHADO DE CASTRO

(Agosto de 1843)

Esplendida foi a noite de 11 no soberbo theatro de S. Carlos.

Concurso completo, e escolhido; cincô horas e meia de prazeres intensos e variados; o drama dos *Dois Renegados* posto em esmerada execução pelos artistas do theatro normal; os entreactos preenchidos de harmonias pelos melhores artistas; um concerto de oito mestres em quatro fortes-pianos para remate; e no meio de tudo isto, o contentamento interior de cada um por haver contribuido para uma boa obra, em que todos ali eram rivaes. A fraternidade da beneficencia; o enthusiasmo de uma formosa Gloria nacional presente ao mesmo tempo a milhares de espiritos; e o enthusiasmo, ainda maior, de a estar por demonstrações externas confessando, reconhecendo, e retribuindo; taes eram os moveis visiveis e invisiveis do feitiço d'este serão, o unico, por ora, no seu genero em Portugal.

Dos prazeres que ahi se revezaram, brilhantes, animados, continuos, manava um balsamo, que ia ao longe consolar bem antigas dores de infelizes.

As filhas solitarias do Escultor, que fizera em uma só obra quatro monumentos, do seu Rei, da sua Patria, de si mesmo, e do seu seculo, velavam taciturnas entre quatro paredes núas, talvez sem mais luz que a das estrellas; e n'aquella festa, que ellas não ouviam, o Anjo da Caridade, enviado por Deus que lhes escutára as supplicas, andava recolhendo o oiro e a prata, com que logo lhes irá mudar a agonia em vida, as trevas em luz, a miseria em abundancia, o desalento em acções de graças.

Ignora-se ainda quanto a final sommaria essa colheita. Se, como se teme, não egualou as esperanças, e muito menos os desejos, nem por isso cuidamos que haja de ficar incompleta a boa obra. Os que isto dirigiram não limitaram só n'isto os seus esforços.

Todas as sociedades artisticas, litterarias, e scientificas do Reino, todos os ecclesiasticos e personagens da Côrte, e das duas cidades, Porto e Coimbra, foram por elles simultaneamente convidados, para virem trazer o seu pouco ou muito ao banquete da beneficencia.

Ainda mais: sabendo que antigos pleitos opprimiam as duas atenuadas orphans, tomaram a si recorrer com supplicas a seus poderosos contendores, afim de obter d'elles um rasgo nobre: uma desistencia christan de pretensões, embora justas segundo as leis

humanas, mas agora rigorosas, e já impossiveis segundo a Lei da Caridade.

Se todas estas tentativas arribarem ao seu fim, a velhice d'estas senhoras poderá vir a ser ainda desassombrada e segura, assim dos receios do porvir, como dos incommodos do presente; e só assim ficará lavada esta feia nodoa, ¿Mas chegará ella a sel-o?

A resposta, dar-nol-a ha o tempo, que não tarda.

(*Rev. Univ.*)

XCVI

ALMEIDA GARRETT

Viagens na minha terra

(Agosto de 1843)

O escrito, cuja publicação agora encetamos, é exemplar de genero precioso, e novo em nossa Litteratura. A seu autor, o snr. Conselheiro Almeida Garrett, que nos honra com a sua amisade e collaboração, cabe a gloria de ter aberto mais um caminho, que outros, apoz elle, teem seguido e hão-de seguir. O Theatro moderno, e o Romance patrio, fundou os elle incontestavelmente. As *impressões de viagens*, como em todos os paizes de adiantada civilisação hoje se escrevem em grande abundancia, estreia-as tambem elle agora.

No que damos á luz, offerecemos pois aos frivolos um estudo desenfastiado, aos estudiosos uma recreação prestadia, aos engenhos fecundos um incentivo poderoso.

(Rev. Univ.)

XCVII

FILINTO ELYSIO

(Agosto de 1843)

As reliquias mortaes de Filinto Elysio acabam finalmente de chegar do seu exilio de vinte e quatro annos ao seio da sua Lisboa. E' uma justiça, que ha largo tempo haviamos desejado, e requerido n'este jornal.

Não queremos retardar a boa nova aos nossos leitores.

Agradecimentos e elogios ao Governo, que tão boa obra chegou a realisar.

Para outro numero falaremos, mais de espaço, sobre as circumstancias d'este acontecimento, e sobre o modo como entendemos que se deve agora honrar a memoria d'este Benemerito da nossa Lingua e Litteratura.

(Rev. Univ.)

XCVIII

O SEU A SEU DONO

(Agosto de 1843)

Lemos com espanto no *Patriota* de 24: «Ha dias, que todos os jornaes da Capital, em côro, pediram concorrencia ao beneficio das filhas do estatuario Machado; nada mais justo e humano; nada mais philanthropico. Mas o pensamento sublime que produziu tal caridade ¿seria filho de um sincero sentir do coração condoído da desgraça de outrem? Não o cremos, não, porque sabemos que a lembrança do beneficio para as filhas de Machado, nada mais foi que suggerida pelo desejo de alcançar popularidade; foi lembrança de Costa Cabral; é quanto basta para a julgarmos não despida de interesse proprio. Vá; o beneficio foi grande; proveito coube ás desventuradas. Nero e Caligula tiveram momentos de compaixão» etc., etc., etc.

Não queremos que o nosso jornal vista jamais libré alguma politica. Muito ha, que

não entendemos ponto em taes materias; e já nos fallece, para as estudar, o tempo, o gosto, a paciencia, e sobretudo a fé implicita na palavra humana, vergonhosa mas primei ra e indispensavel condição para ser *politico* á moda da nossa terra. Não o somos pois; não o é, nem o deve ser este jornal.

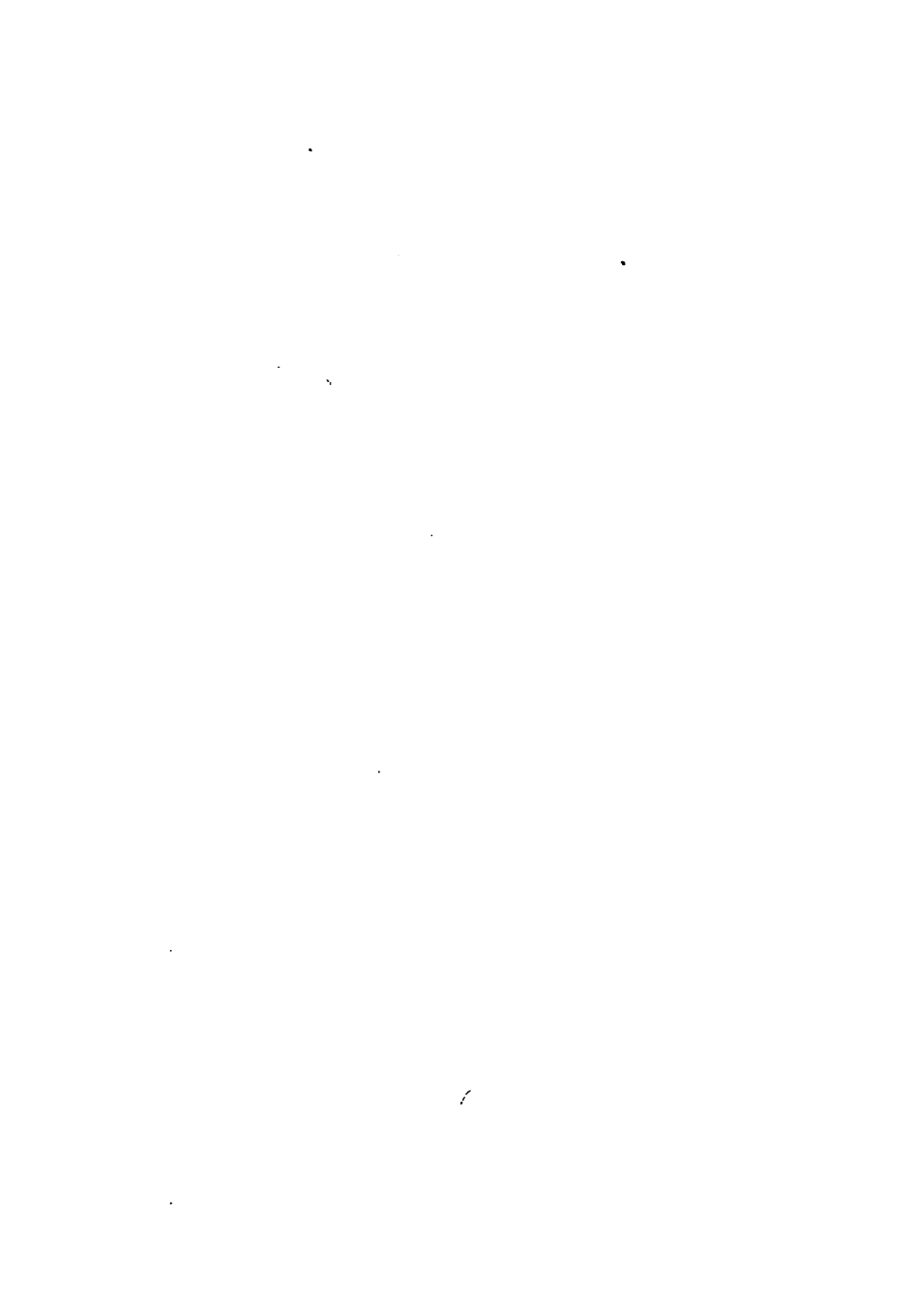
Não podemos entretanto deixar de nos levantar aqui (pela primeira, pela derradeira vez esperamos que será) contra este deploravel systema de guerrear Governos, atirando lhes bolas de espuma assoprada em logar de balas.

Diz o *Patriota* que sabe que a lembrança do beneficio fôra suggerida por Costa Cabral. O que o *Patriota* sabe é precisamente o contrario d'isso. A lembrança, que n'este negocio é o menos, fôra nossa. O *Patriota*, e toda a gente, a havia lido ha quarenta e uma semanas na *Revista Universal Lisbonense*. A realisação do alvitre, que é o mais e que é o tudo, essa foi obra de muitos cidadãos de todas as parcialidades politicas, congregados e unanimes para tão santo fim, e de uma Junta por elles nomeada, em que tambem de todas as parcialidades entraram membros, mas a que o snr. Ministro do Reino não pertenceu. Essa Gloria, que o *Patriota* lhe attribue como injuria, pode-lh'a retomar, que lhe não quadra.

¿ Mas que diremos da negrura doble com que se imputa a uma vil cubiça de popularidade a obra da beneficencia? ¡ Grande popularidade, grandes cartazes, grandes pregões de bando, grandes carros de triumpho, grandes monumentos com oito estatuas, não-

de recompensar os trabalhos ignorados, o zelo não blazonador, dos oito individuos, que arranjaram uma noite de representação no theatro de S. Carlos!!

Andae, andae; galardoae sempre assim aos que fizerem o bem, sem nenhum interesse, nem ainda de fama, e psalmeareis depois em todos os vossos artigos de fundo, como o Propheta Rei: «Não ha já quem faça o bem; não ha, nem um».

(*Rev. Univ.*)

XCIX

O PAGEM DE ALJUBARROTA

(Agosto de 1843)

O lindo drama assim intitulado, composição do nosso bom amigo o snr. Mendes Leal Junior, foi representado apenas uma vez no theatro do Salitre por curiosos, em beneficio dos inundados da Madeira. O Publico, podemos dizel-o, não o conhece aindà; e os proprios que ahi o viram, podemos egualmente dizel-o, ainda tambem o não conhecem. De curiosos, mas que sejam dotados, como estes, de muita intelligencia e de muito boa vontade, vai muito a artistas de profissão, cujos talentos naturaes se desenvolveram pelo largo uso e assiduo estudo. Só estes (e nem sempre á primeira nem á segunda vez) concebem todos os tons e semi tons dos pensamentos e affectos do autor; e, ainda depois de os bem conceberem, nem sempre logram a fortuna de os exprimir bem.

O drama escrito é (permitta se nos a expressão) um como alfôbre muito melindroso

de ideias e de affectos, que tem de ser transplantado para um novo terreno, vigoroso, succulento, e apropriado, onde cada plantinha gose do espaço que lhe convem, da luz e calor que lhe são proprios, do trato intelligente que lhe adivinha as necessidades, e lhe satisfaz todas as condições; e para esta transplantação, já se vê de que exercitadas mãos se necessita. Onde ellas faltam, embora sobrem juiso e desejos, e as mais excellentes disposições naturaes, muita vergontea ha-de murchar por se lhe não terem explicado e estendido bem as raizes; muita enfraquecer-se, por lhe terem querido dar mais substancia do que a sua indole comportava; muita cahir, pela não terem devidamente enlaçado com as circumvisinhas; muita esterilisar-se, pela afogarem com as sombras das circumstantes. D'aqui vem a morte subita e inexplicavel de muito drama vivacissimo, e a ressurreição, tambem, de muitos que se haviam julgado mortos de nascença.

A esta razão geral outra accrescêra contra *O Pagem*. A pressa com que aquelles beneméritos curiosos o levaram á scena para se não retardar a esmola, que tantos infelizes lá ao longe estavam almejando, vedou que se desempenhassem de seus papeis, como aliás o devêram e costumam. Podemos logo dizer, que no dia 8 do corrente, no Theatro Nacional da rua dos Condes, se dará *O Pagem de Aljubarrota* pela primeira vez.

Temos ouvido que alguns malévolos lhe premeditam uma affronta publica. Não o acreditamos. Seria uma brutalidade, teme-

raria, e inteiramente perdida. O engenho do snr. Leal, e o gosto do Publico, são dois conhecidos e amigos de largo tempo. O engenho do snr. Leal foi applaudido, festejado, quasi idolatrado, desde os seus primeiros passos n'esta agra carreira, que elle encetou imberbe, quasi a braços com a morte, e sem guia nem auxilio de genero algum. Agora, que as suas forças cresceram, que o estudo o enriqueceu, e a experiencia o aperfeiçoou, agora, que os seus dramas são já para o tablado e para o gabinete, para o povo e para os sabios, obras de acção e obras litterarias, seria muito tarde para os invejosos conseguirem converter-lhe o sceptro em cana verde; mormente quando os actores, que depois do seu resgate se nacionalisaram de vez e para sempre, estão empenhados em dar a mais cabal execução a um escrito, que, sobre ser todo *portuguez*, pelo autor, pelo assumpto, e pelo estylo, pertence áquelle de nossos talentos, que mais fecunda e felizmente teem trabalhado para a formosa arte que elles professam.

(*Rev. Univ.*)

C

PROLOGO

AO VOLUME III DA „REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE"

(Agosto de 1843)

E' a Imprensa a grande altura que senhoreia o mundo moderno. Se um diluvio o afogasse, a arca de salvação assentaria em pezo sobre o seu cume.

Tudo é por ella dominado: os Povos, e os Thronos, a fecundidade dos campos, o bulicio e magia da industria, o trafego do commercio, a guerra e a paz, o odio e o amor, os vicios, os crimes, as virtudes, os passatempos, as opiniões, os altares, e os cultos.

Braços de novos Titões foram os que valeram a accumular montes sobre montes, para chegarem a erguer tão majestosa eminencia, que o seu cume parece descobrir ainda para baixo de si uma parte dos ceos, e os mysteriosos destinos que n'elles moram.

Esta montanha singular, indestructivel e inconquistavel, viva, rumorosa e eccoante,

amassada de materia e de espirito, povoada de boas e más fadas, de anjos e demonios, de aves do paraiso e de serpentes, vestida de nevoas e de luz, coroada de raios e tempestades, bemdita e amaldiçoada de continuo, toda se desata em frutos, fontes, e torrentes: frutos, uns que manteem, outros que matam, outros que embriagam, outros que adormentam; fontes e torrentes perennes, que vão levar simultaneamente a fertilidade e a assolação até os confins do globo.

N'esta montanha, cada Povo tem o seu quinhão, que perfura dia e noite, para que saiam novos mananciaes: o Allemão, quasi ao cimo; mais a baixo, o Francez e o Inglez; mais a baixo ainda, outros em diversas alturas; o Portuguez nas faldas, mas forcejando por subir, como todos, porque a voz de «¡Subir! ¡subir!» é a exhortação mutua, que em mil linguas diversas ressôa de todos os lados.

*

Chegámo-nos, a examinar de perto que fazia ahi a nossa gente, que tanto vozeava na obra; e achámos que os seus trabalhos eram o que podiam, talvez até o que deviam, ser, em relação ao presente, mas não o que deviam ser em relação ao futuro; e dissémos em nós: «Metteremos tambem á terra a nossa verruma.»

A força que Deus nos deu, applical-a-hemos, pouca ou muita, em procurar uma nova matriz, que, formosa, pura, doce, innocente e fertilisadora, vá regar a terra do nosso nascimento, a abençoada terra de nossos

paes, e de nossos filhos, ¡tão descampada e erma até de esperanças!

¿Vêdes todas essas torrentes, que meandram e labyrintam encontradas e estrondosas pela superficie d'ella, todas turvas, todas ameaçadoras, todas estéreis, todas carregadas de despojos das suas margens?

Cada uma se ufana com um nome pomposo, em que se julga encerrado um condão de regenerar; e esse nome não passa de um nome; e esse condão nem já chega a ser uma mentira.

¿Por entre essas torrentes, não divisais aquelles arroios, menos ambiciosos e mais humildes, que só parecem aspirar á fama de aprasiveis? ¡Ah! ¡Se elles ao menos soubessem, attrahindo os animos abhorridos, sussurrar-lhes alguma alegria d'alma! ¡algum desejo de paz interior! ¡Se as flores, de que vestem as suas margens, tivessem alguma virtude medicinal! ¡Se, ao menos, as suas aguas espelhassem, aqui ou acolá, o ceo, para com elle se espelharem nos espiritos! Mas todos os que á sua beira vão sentar-se, retirar-se-hão, como vieram, vazios de refrigerio e de inspiração.

Então attentámos em roda de nós, e vimos amigos fortes e esforçados, todos prestes a ajudar-nos. Posémos peito á obra, ainda não tentada n'este solo; arrancámos balsas espinhosas, demovemos montes de contrastes e difficuldades, cavámos com fé, cavámos profundo e por muito tempo; e a torrente copiosa, que haviamos sonhado, arrebentou e correu, inexhaurivel, graciosa, e productiva.

*

Largos mezes teem passado, sem que nem o tempo, grande transformador de tudo, nem maléficas influencias de algumas vontades ruins, lograssem desviar de seu leito, turvar ou corromper, esta espaçosa veia, que, da fidelidade com que retrata quanto encontra em seu longo caminho, e por cima de tudo os céos amplissimos, se chamou REVISTA UNIVERSAL.

Não ousáramos nós a dar-lhe estes louvores, se os mais d'elles, e quasi todos, não houvessem de recahir sobre os animos bem nascidos, que nos ajudaram no primeiro trabalho, e desde então não cançaram ainda de andar encanando-lhe para dentro aguas sempre novas, das mais puras e selectas; abrindo-lhe sangradoiros, vallas, e sargentas para todas as partes onde se entendia que eram de mister; segurando lhe, emfim, e aformosentando-lhe as ribas com todo o genero de arvoredo de bons frutos e boa sombra.

Graças a esses amigos generosos e sinceros da terra Patria, a *Revista Universal* é ao presente havida pelo manancial mais de benção, de quantos por ora teem brotado para entre nós da immensa montanha.

*

Sobre este rio gira um grande tráfego de gente, que mercadeja os remedios para a vida, de outra, que, vindo só a espairecer-se e folgar, lá acerta em alguma canôa, que

passa inesperada com fasenda que lhe aproveita. Por isso, de dia para dia vem affluindo de longe maior chusma a povoar as varzeas, e a recrear-se com esta vivaz e continuada variedade.

O commercio que n'esta paragem se tem feito, tem sido proficuo, honesto, e de todas as sortes. Com elle se tem ajudado a industria rural e a industria fabril, a policia e aformoseamento da cidade, o fabrico das estradas e caminhos, a conservação e o restabelecimento da saude.

Além d'estes beneficios terrestres e corporaes, que tambem n'outras ribeiras da montanha, com mais ou menos efficacia, se agenceiam, outros se teem d'aqui espalhado de uma ordem superior, mais intellectiva e moral.

Como n'aquellas grandes feiras fluviaes, que na China viu o nosso Fernão Mendes, onde em barcaças arruadas, e com muitas invenções de toldos e bandeiras, se vendem todas as coisas *a que se pode pôr nome*, sem exceptuar os livros de todo o vario sabor, e os idolos, e mais coisas concernentes a suas gentílicas seitas, assim aqui os interesses moraes, religiosos, eternos, teem sido grangeados a la-par dos sensiveis e morredoiros; porque se entendeu geralmente n'este mercado (e quasi todos os que a elle veem confessam já), que a civilisação das familias, e a illustração da geração nova e das futuras pelas mães, eram materias de tamanho tomo, que se não havia de perder lanço de soltar nos ares palavras de crença e bom conselho, que as feirantes levassem

para suas casas, para devagar e a seu tempo lhes germinarem lá, e darem o seu fruto.

Por isso nós, e quantos aqui concorrem com suas fazendas, havemos sempre diligenciado pôr ao alcance, e adubar para os paladares das esposas e mães, e das filhas-familias que um dia o hão-de ser (as quaes, com parecerem os mais fracos entes de todo o mundo, são, bem lançadas as contas, as que a final o regem e transformam), as noções moraes e religiosas, que hoje ninguem pelo commum professa n'esta desatadissima sociedade.

*

Um erro muito geral, e muito damnado, é cuidarem alguns, contra o que já Cicero tinha declarado, contra o que os homens superiores de todos os tempos deviam egualmente ter sentido, que sem costumes se podem fazer Leis de bom proveito.

Os fabricantes de retalhos de Leis, fazedores e desfazedores de Ministerios, olham com lástima para os esforços dos que procuram a civilisação do mundo no centro do homem: na rasão e na consciencia.

E' uma triste inversão de causas e effeitos suppôrem que, principiando por obrigar as acções a um certo molde feitiço, aperfeiçoarão a vontade intelligente que as produz. N'este sophistico pressuposto são elles ainda mais generosos do que logicos, tolerando um simulacro de Christianismo.

Se os seus milhões de projectos de Leis

fortuitas e desconnexas bastam para regenerar a face da terra, e bemaventurar o genero humano, ¿para que permittem o luxo do Evangelho?

Que supprimam inteiramente essa verba de orçamentos, se lhes parece que para tanto teem força; mas a verdade é que a trindade da alma humana, a Fé, a Esperança, e a Caridade, tem feito mais individuos probos, mais familias afortunadas, mais cidadãos uteis, e mais homens para a humanidade, que todas as Constituições.

Entre uma christan, constitucional ou não, e uma liberal, que pôz o seu *veto* absoluto ás ceremonias da Egreja, e o seu *veto* suspensivo á Divindade de Christo, ¿quem seria o parvo que escolhesse a segunda para sua mulher, para mãe e creadora de seus filhos?

Entre o homem, todo do *cathecismo do Mestre Ignacio*, e outro todo do *cathecismo do cidadão*, de Volney, ¿quem preferiria o segundo para amigo, para procurador, para socio no commercio, para advogado, para juiz, ou ainda para visinho de escada, ou creado de portas a dentro?

Dizem alguns (e já nol-o teem dito), que se fale embora nos interesses do Christianismo, mas rara, parca, e perfunctoriamente; que o mais desagrada e abhorrece.

A estes taes, que da Religião fazem palito para a hora do chylo, não havemos de responder, senão que: ainda que ella não fôra demonstradamente verdadeira, como verdadeira a devêramos tratar e acatar, por interesse do mundo.

Si Dieu n'éxistait pas, il faudrait l'inverter—

dizia Voltaire; e antes de Voltaire já Ovidio havia dito:

Expedit esse deos; et, ut expedit, esse putemus.
Dentur in antiquos thura merumque focos.

Mas de mais:

A Religião de Santo Agostinho, de Bossuet, de Newton, de Châteaubriand, de Lamartine, de Alexandre Herculano, e de todos os Reinos civilisados do mundo, nem pode ser falsa, nem indecente para ser prégada com perseverança.

Continuar-se-ha, pois, como até agora, a saudar com a cabeça descoberta a Cruz, todas as vezes que no remar por estas aguas a divisarmos, perto ou longe, em alguma das margens; e contando ás mulheres e creanças, como aos homens feitos e aos velhos, os successos novos, como é de uso n'estes mercados, não haverá pejo em os moralisar; que o de mais é vaidade de palreiros, e sarna de lingua de malbaratadores do tempo e das occasiões.

*

De uma coisa importa dar aqui satisfação, mas que seja de fugida, visto como as horas nos apertam.

Murmuram praguentos de ter havido n'esta feira, como em todas, algumas pendencias e reboliços; e mais ao certo faláramos, dizendo que murmuraram os que sahiram d'ellas derrotados. Todas essas brigas e arruidos foram suscitados pelos ratoneiros, e

passadores de moeda falsa, que nunca faltam em taes ajuntamentos. Deram-lhes em cima os negociantes honrados, e acabou tudo.

Havia tambem, ou traçavam-se, obras de má-morte, insensatas no pensamento, rudes na execução, ou desastradas pelos seus futuros effeitos. Clamou se contra ellas; clamou-se rijo; e venceu se. Não ha n'isto vergonha, se não gloria.

Viu-se um histrião forasteiro, a querer enterrar as comedias e comediantes cá da terra, amortalhados em *dominós*, e responsados por *Freis Diabos*. Deu se lhe, e ressuscitou-se a Arte.

Viu-se querer desbaratar o dinheiro do ensino em lavrar pedras e fundir bronzes para nenhum fim. Deu-se-lhes desenganadamente, e vingou-se o senso commum.

Viu-se afugentar, corridos e afrontados, os mestres nossos conterraneos, para fazer praça livre a uma edificação de pateo de comedias, cujo risco e segurança era a primeira de todas as comedias. Deu-se-lhe com alma; e se não se venceu o facto, venceu-se, pelo menos, a honra de lhe haver resistido.

Viu-se a musica dos saraus, e as profanidades mais profanas, assentadas no templo. Deu-se-lhe á mão tenente; e esses escandalos acabaram.

Viu-se que havia um posto que namorava suicidas, e que importava condemnar. Deu-se em quem o consentia, e vedou-se.

Viu-se que a propriedade litteraria era violada, ou desconhecida. Deu se, e tornou-se a dar, nos ladrões, e rarearam-se.

Viu-se que os contrabandistas de uma Re-

ligião falsa andavam empalmando a seu salvo. Deu-se-lhes, e tambem se cohibiram estes.

Viu-se que andavam ahi ciganos, substituindo ao falar lizo e nativo da nossa gente a sua geringonça, o seu vasconço, a sua gira. Deu-se-lhes; e, se não se emendaram, é porque gente d'essa não tem emenda; mas precataram-se os incautos, e ressuscitou-se o amor e curiosidade da boa fala conterranea lídima e sincera.

Viu-se um cardume de bufarinheiros, trazendo nas suas arquetas, sob o titulo de novellas e comedias *a-la-moda* em França, muita louçainha de pechisbeque, muito alchime doirado, e muito frasquinho de peçonha. Deu se-lhes, e alguma coisa se conseguiu já; com teimar em se lhes bater, conseguir-se ha o restante.

Viu-se... viu-se muito outro desproposito de gravissimos damnos, para agora e para o diante; e deu-se-lhes sempre, como era razão e boa justiça que se lhes desse.

Para chamardes má lingua a quem reprova, haveis primeiro de mostrar que as obras do reprovado não foram ruins.

*

Por aqui nos cerramos.

A feira continúa franca. Todo aquelle que n'ella quizer vir assoalhar e negociar fazendas de lei, que venha nas boas horas. Para todos ha ahi logar. Surgirá o seu batel aonde lhe aprouver, e mercadejará a seu contento, e com todo o seguro.

Liberdade de commercio é o bando que se lançou, e que se ha-de manter n'esta feira de todo o anno. (*Rev. Univ.*)

CI

DESAGGRAVO

(Agosto de 1843)

As injustiças que se padecem são muita vez a vespera de triumphos que se não esperam.

O snr. Conselheiro Lourenço José Moniz, Deputado perpetuo (porque assim o digâmos) da Ilha da Madeira, sua patria, e o mais zeloso e illustrado procurador que jámais povos poderam ter, fôra, com grande assombro de todo o Reino, supplantado nas ultimas eleições pelas tenebrosas diligencias não sabemos de quem.

Cremos que lhe doeria a ingratidão; mas, travados com elle em profunda e antiga amisade, o que ao certo sabemos que lhe doeu na alma, foi o vêr-se privado de servir no Congresso legislativo a terra do seu nascimento, que o mesmo é que servir em ponto importantissimo a todo o Reino.

Para reparar o desmerecido aggravo, e aproveitar tanto zelo, saber, e talentos tão

distinctos, nomeou-o Sua Majestade Juiz Commissario de prezas de escravaria no Cabo da Boa-Esperança.

Partindo para aquelle destino, foi ainda o snr. Conselheiro Moniz dizer um adeus de amor á sua Ilha. Desembarca nas praias d'ella com sua esposa. Toda a ideia de ingratidão dos seus conterraneos para com elle, se acaso no espirito lhe tinha entrado, deveu dissipar-se de repente.

A cidade do Funchal acudiu unanime e espontanea a festejal-o. Multidão de amigos o acompanhou á sua residencia; e n'ella foi visitado por deputações da Junta geral do Districto, Camara Municipal, Associação mercantil, etc.

(*Rev. Univ.*)

CII

AS FILHAS DO ESTATUARIO

(Setembro de 1843)

Consta-nos que o beneficio, feito em S. Carlos para as orphans de Machado de Castro, produziu cerca de 800$000 réis. Os Administradores civis de Lisboa e Porto, convidados pela Junta promotora d'este acto de beneficencia para sollicitarem eguaes beneficios nas capitaes dos seus Districtos, prometteram empenhar para isso todo o seu crédito e influencia, logo que a melhoria dos habitantes, que a estação trazia derramada pelos campos, recolhesse á cidade. Coimbra ufana se de ter sido o berço do Phydias portuguez; e o Porto não costuma, em lances de generosidade, ceder primasias a povoação alguma.

Professores da Academia das Bellas Artes de Lisboa teem offerecido á Junta varias obras artisticas de suas mãos para serem rifadas em proveito das mesmas senhoras. E' de crer que os professores, que ainda o

não hajam feito, se apressarão de os imitar.

Finalmente, podemos asseverar que o Governo, que desde o principio tem dado a mão a este negocio, tenciona rematal-o com um acto não menos justo e decoroso. O nome de JOAQUIM MACHADO DE CASTRO, que, por um ingrato descuido, faltava no seu monumento do Terreiro do Paço, vai ser n'elle esculpido para a eternidade.

(*Rev. Univ.*)

CIII

ANTONIO MARIA DO COUTO

Necrologia litteraria

(Setembro de 1843)

Nasceu o snr. Antonio Maria do Couto em 1778; onde, e de que paes, não nol-o diz o seu panegyrista o snr. Francisco Duarte de Almeida e Araujo, de quem tomamos os factos para esta breve noticia.

Cultor das humanidades desde a puericia, defendeu com applauso conclusões de Philosophia racional e moral nas escolas de S. Vicente de fóra, tendo de edade dezasseis annos. Aos vinte e tres foi nomeado Professor substituto de lingua grega para os Geraes da Ajuda; e a 5 de Agosto de 1811 transferido com o mesmo exercicio para o bairro do Rocio, occupando a cadeira de propriedade aos 16 de Outubro do mesmo anno. Em 1840 despacharam-n-o Reitor do Lyceu de Lisboa. Foi membro da Academia

litteraria Fabiana, da Sociedade promotora de Minerva, e da dos Pacificos, ao presente denominada Academia Lisbonense das Sciencias e das Lettras.

Falleceu a 14 de Agosto d'este anno pelas 6 horas da manhan, deixando mulher, filhos, e muitos amigos.

O seu caracter moral era sizudo, honrado, e christão. Os seus principios em Politica liberaes, tolerantes, e invariaveis.

Para o julgarmos litterariamente, convém extremarmos n'elle o Mestre, e o Escritor. Constante no estudo, e na Litteratura velha desde a meninice, e dotado de memoria prompta e fiel, era na conversação instructivo e muito agradavel; e na cadeira que regía o mais insigne Mestre do seu tempo n'esta Cidade. Como Escritor, porém, já não são (quanto a nós) tão subidos os quilates do seu merecimento. De setenta, entre obras e opusculos que deixou, não nos atreveriamos a apontar um só titulo como passaporte seguro para a posteridade. E' porque o saber só por si não basta.

Se um engenho creador, se uma certa graça original, não influem a quem escreve, as paginas mais trabalhadas de balde se fiarão no seu muito pezo; esse mesmo ha-de ser sempre o que mais de pressa as leve ao fundo. O fogo poetico (pedimos perdão ao seu panegyrista) não o descobrimos em parte alguma de suas obras. Se é nossa a falta, que nol-a não imputem á vontade, que tambem fomos seus discipulos, tambem presámos tudo que n'elle havia de bello, e nunca de sua parte houvemos aggravo. Se

porém o laurel, que lhe pretende cingir o snr. Almeida e Araujo, realmente lhe não assenta, como cuidamos, que não lancem isso ao orador á conta de mau juiso, ou de amplificação rhetórica, d'aquellas de que se usa para realçar pequenezas; erro foi, mas nobre e louvavel, que nasceu todo do enthusiasmo da amisade e do respeito.

Foi o snr. Couto dado á terra no dia seguinte ao da sua morte, com sessenta e cinco annos de edade. A Academia das Sciencias e das Lettras de Lisboa, no domingo 27 do passado, depois de haver assistido a um officio funebre, por ella mesma encommendado para o repoiso da alma d'aquelle seu finado irmão, celebrou em memoria sua uma sessão solemne, com assistencia de grande numero de convidados; na qual se leu o panegyrico, agora impresso, a que nos referimos. Louvavel foi o exemplo dado por esta Sociedade, enlaçando assim, á vista de todos, as duas mais nobres profissões de fé: a da immortalidade do espirito, e a da gratidão.

(*Rev. Univ.*)

CIV

O QUE É UM GOVERNADOR CIVIL

(Setembro de 1843)

Um Governador Civil é uma especie de autoridade paterna, composta mais de vigilancia, amor, e misericordia, que de austeridades e rigores. Na acertada escolha de illustrados e zelosos Governadores Civís para todos os Districtos, consistiria o principal segredo da regeneração do Reino.

Pelos olhos e ouvidos das autoridades administrativas inferiores, elles vêem tudo, e tudo ouvem; pela presença d'ellas, em toda a parte estão presentes para obrar; pelá sua alta posição, pelas suas relações directas com o Governo, pela sua influencia para com os cidadãos e familias de maior vulto e crédito; teem, querendo-a empregar, uma força de acção, que nenhuma outra, na actual constituição do Estado, egualaria.

Bons Governadores Civís, repetimol-o, seriam inquestionavelmente o melhor remedio á maior parte dos males publicos; e se a

bons Governadores Civís, nomeados antes para os *civis* interesses, do que para conveniencias *politicas* e parciaes, se ajuntassem Prelados como D. Frei Caetano Brandão, D. Francisco Gomes do Avellar, e poucos mais, e Camaras Municipaes verdadeiramente eleitas pelo Povo, que em taes coisas, quando o não perturbam, tem o admiravel instincto de infallibilidade, a terra pobre, corrupta, e desconsolada, refloresceria completamente. As leis então não seriam ludibriadas ou inefficazes, porque iriam dar com gente allumiada, se não sábia, abastada, se não rica, e moralisada, se não moral.

Um exemplar de Governadores Civís, por onde, a sermos Governo, afeririamos os que houvessemos de nomear para taes empregos, é o Ex.mo Snr. José Silvestre Ribeiro, de quem já muitas vezes temos apontado, e muitas ainda haveremos de apontar, acções, que, se pela pequenez e afastamento do Districto onde as practíca, nos sôam fracamente e nos parecem diminutas, tomadas comtudo no seu complexo, examinando a sua unidade philosophica, isto é, poetica e positiva ao mesmo tempo, e simultaneamente material e intellectiva, revelam um espirito superior; um d'aquelles espiritos, que, se a Providencia lhes não entregou senão uma penna, escrevem o *Telemaco* como Fénelon; se lhes deu um sceptro, fundam um Estado como Pedro o Grande.

Hoje copiamos do *Espectador de Angra* mais uma pequena amostra dos actos administrativos d'este magistrado, deixando para os outros numeros outras, já colhidas do

dito jornal, já das nossas correspondencias particulares:

TALENT DE BIEN FAIRE

«A divisa do glorioso Infante D. Henrique é tambem a do nosso excellente Governador Civil, bom e emprehendedor como o filho de D. João I de boa-memoria.

«Aonde quer que a desgraça descarregue os seus golpes, estae certos que lá encontrareis S. E., para prover de remedio aos infelizes, ministrar consolações, enxugar lagrimas.

«Ha tempos, que na freguezia do Porto Judeu teve logar um caso lastimoso e terrivel: pegou fogo na casa de uma pobre familia; o pae e mãe de tres innocentinhos haviam sahido de madrugada para os seus trabalhos ruraes; ninguem deu pelo incendio, porque as tres creaturinhas dormiam o somno da innocencia. As chammas devoraram pois bem depressa a pobre casinha, e as tenras victimas ficaram reduzidas a cinzas.

«Não tentaremos descrever as angustias e a desesperação dos infelizes paes, quando deram por tão horrivel catástrophe. ¡Que palavras podéram pintar a intensa dôr de uma mãe, a quem a morte arrebata por um modo tão barbaro todos os pedaços da sua alma?!

«Logo que ao conhecimento do Ex.mo Governador Civil chegou a noticia de tão deploravel acontecimento, sua mão benéfica se estendeu sobre os desgraçados consortes.

Nomeou immediatamente uma commissão n'aquella freguesia, para obter soccorros a fim de promptamente mandar reedificar a demolida habitação, offerecendo S. E. pela Commissão central dos soccorros todas as madeiras, telha, e cal, que para a reedificação fossem precisas.

«¡Como os povos seriam felizes, se todas as autoridades seguissem o exemplo do Ex.mo Snr. José Silvestre Ribeiro!»

(Rev. Univ.)

CV

Tributo portuguez de gratidão a um estrangeiro

(Outubro de 1843)

O snr. Dr. Lazaro Doglione é um italiano, que veio estabelecer-se medico na cidade de Faro, onde, pelas suas curas, e pela sua extrema beneficencia, adquiriu (nos affirma o nosso correspondente n'aquella cidade) a publica sympathia.

Tendo casado na terra com uma dama ingleza, como elle bemfaseja e riquissima, deu muito maiores largas á sua paixão de emendar os erros e desconcertos da fortuna. Todos os generos de necessitados são seus filhos. Mais christãos que philosophos, mais caritativos que philantropos, não é para os applausos que elles semeiam, mas para a consciencia, não é para a terra e para o tempo, mas para o Ceo e para a Eternidade.

As suas liberalidades correm escondidamente, e vão fertilisar onde convem, deixando quasi sempre ignorada a sua origem; é proceder a exemplo da Providencia.

Pesa-nos a certeza que temos de os affligir com este pregão; mas se deixassemos de o soltar, julgariamos haver defraudado os homens de um bom exemplo, coberto com a medida a lampada, e enterrado o talento de oiro, que deve correr a negociar-se.

O snr. Doglione e sua esposa, espiritos cultivados e superiores, não comprehendem somente as necessidades do pão e do vestido, mas tambem as da illustração e da sociabilidade. Vendo que na terra faltava um theatro, e que os curiosos andavam por armazens incommodos e mal arranjados, representando com grande custo, e só de longe em longe, compraram á fazenda nacional um vasto edificio, e n'elle estão fazendo a expensas suas uma nova sala de espectaculos, que, terminada á força de contos de réis, será gratuitamente offerecida ao Municipio.

Mas eis aqui alguma coisa ainda mais bella: apenas este interessante par leu na *Revista Universal Lisbonense* o artigo 2:120 sobre a cura dos leprosos, mandou apromptar um, que na cidade havia, pae de familias, e indigente, para ir ao Porto tratar-se e voltar ressuscitado para o centro da sua familia.

¡ Que emprego poderiam elles dar ao seu oiro, que tanto lhes houvesse de render verdadeiros contentamentos e bençãos de desgraçados, que nunca o Ceo permitte que sejam inefficazes!

(*Rev. Univ.*)

CVI

ALMEIDA GARRETT

ROMANCEIRO E CANCIONEIRO GERAL

(Novembro de 1843)

A ancia com que este seculo, impellido pelo passado, se arremessava anhelante para um porvir inteiramente novo, excitava n'elle mesmo, por uma natural e inevitavel reacção, as saudades de tudo que deixava para sempre. Ao dar á véla para uma terra longinqua e desconhecida, onde se nos promettem mil fortunas, sempre se nos aperta o coração, e se nos humedecem os olhos, contemplando a terra do nascimento, vendo fumegar o tecto onde fôra acalentada a nossa infancia, e alvejar a egreja onde foram baptisados os nossos paes.

Não podia a Litteratura, que é uma das expressões do espirito humano, como a Philosophia, a Politica, e as Sciencias, deixar tambem de lembrar-se, com mágua, de tantas coisas de seu antigo uso, de tantos brin-

cos aprasiveis de sua infancia, de que se ia para sempre separar.

E' assim que, fugindo de Troia abrazada, para ir fundar um novo imperio, Enêas, o piedoso, levava comsigo os domesticos deuses de sua casa e gente, os mysterios de Vésta, e ás costas o corpo velho e gastado do autor da sua existencia. E' assim tambem, que a donzella, a quem entre menina e moça desposaram, leva escondida entre as joias dotaes e as galas de casada, alguns restos mais caros dos brinquedos de sua infancia.

Quando a nova escola se abriu, com toda a tirannia fanatica e intolerante de uma nova escola, levantaram-se-lhe logo na Europa dois generos de inevitavel opposição: uns fizeram do passado o seu Monjuich, e acastellaram-se n'elle, decididos a não se render sem dar-se a partido; outros, os profundos e prudentes, acceitaram a reforma como necessidade e conveniencia, mas negaram a utilidade, e até o direito, de destruir tudo que fôra.

Esta parcialidade era a que havia de prevalecer, porque era o meio termo; e prevaleceu.

Desde então, a Imprensa litteraria dos dois extremos foi absorvida pela do centro; o antigo e o novissimo fundiram-se e ligaram-se, produzindo, como o bronze e o oiro no incendio de Corintho, um terceiro metal mais precioso que ambos elles.

O snr. Garrett foi em Portugal o autor, ou o introductor, d'esta felicissima composição.

A nossa Poesia *nacional*, isto é, a do nosso Povo e não a dos nossos poetas, a falada e sentida, e não a escrita e folheada, a dos campos, e não das cidades, das velhas e não dos academicos, conhecia-a o snr. Garrett desde a infancia; havia-lhe tomado o gosto; havia precedido os seus estudos e reflexão; havia-se, como quer que fosse, identificado com o seu espirito. O seu estylo mesmo, sem deixar de ser culto, sobre nobre e moderno, respirava aquella sinceridade nativa e graciosa singeleza, que se absorve no trato com os conterraneos, mas não se aprende. O *Camões*, a *D. Branca*, e alguma parte do *João Minimo*, farão comprehender aos que os lerem esta verdade, que hoje nos falta espaço para explicar.

N'aquellas tres ohras, especialmente nas duas primeiras, tinha o autor ensinado o como se haviam de conciliar a indole litteraria nacional, e as excellencias novas das Litteraturas estrangeiras. Restava, para completar o seu trabalho, offerecer aos que pretendessem caminhar sobre os seus vestigios alguma parte d'aquillo com que elle mesmo se nacionalisára.

As *xàcaras* e *romances* populares deviam ser salvos do esquecimento que os ameaçava para em breve, offerecidos a todos, e perpetuados. Era empreza fadigosa e prolixa; mas commetteu-a; e o 1.º volume do *Romanceiro e Cancioneiro geral* (4.º da collecção completa das suas obras) acaba emfim de sahir á luz.

N'elle se conteem, depois de um excellente prologo historico-litterario, a *Adosinda*, imi-

tação da *Silvana; Bernal Francez; O chapim d'el-Rei;* e *Rosalinda;* todos originaes antigos mais ou menos concertados e remoçados; e *A noite de S. João*, e *A Princeza,* composições tambem no genero antigo, mas originaes.

Os que lerem este volume ficarão desejando anciosos a continuação. Nós, que d'este numero somos, supplicamos aos benemeritos editores, os snrs. Bertrands, que forcejem por vencer certa inconstancia, ou antes natural e proverbial perguiça de poeta, que o snr. Garrett padece, e de que todos nós (para nos servirmos de uma expressão de S. Paulo) enfermamos tambem com elle.

A collecção das suas obras é thesoiro tão nacional, que bem se nos deve relevar a liberdade com que d'este seu vicio nos queixamos.

(Rev. Univ.)

CVII

JARDIM PORTUENSE

(Novembro de 1843)

«Já emfim appareceram as flores em nossa terra» — exclamava o esposo dos Cantares alvoroçado. Já emfim appareceram flores em nossa terra, dizemos nós tambem.

Um jornal de flores entre tantos jornaes de espinhos, um jornal innocente e ameno em estação tormentosa de paixões más, desencadeadas pela *politica*, é um acontecimento para ser notado com pedra branca. Damos cordealmente as boas-vindas á formosa publicação, cujo 1.º numero acaba de apparecer, sob o titulo modesto de *Jardim Portuense*. O aceio e graça da execução typographica e artistica condizem com o donoso retrato colorido da rosa de cem folhas, que estreia, como rainha, esta galeria vegetal.

O bom conceito, em que as 16 paginas d'este 1.º numero nos fazem ter o director

d'esta obra, o snr. L. A. P. da S. [1], pessoa aliás já conhecida e respeitada por outros títulos, nos induz a lhe expôrmos, sem receio, toda a nossa opinião acerca do seu livro, que, se fôr avante (como esperamos) não só virá a ser thesoiro de jardineiros, mas um procurado ornamento de salas, toucadores, e bibliothecas. Não dizemos bem: os elogios que a sua obra merece, esses não lh'os daremos aqui; sería repetir, sem necessidade, o que anda na bocca de toda a gente. Presentar-lhe-hemos antes os conselhos de experimentados, que nos parecem dever contribuir para o bom e completo succedimento da sua tão instructiva e proveitosa ideia.

*

N'um paiz como este, pobre, descurioso, e entristecido, é o jardinar occupação accidental de muito pouca gente; paixão e emprego para quasi ninguem. De balde o titulo de *Jardim* attrahirá a imaginação, e desafiará o gosto de muitos; de balde se confessará, que por entre o recreio anda ali disfarçada a instrucção; que a Botanica está ali sorrindo, para nos levar insensivelmente, por entre os alegretes, até aos campos da grande cultura. O primeiro elo da immensa cadeia de beneficios lançada pela Providencia sobre a face da terra, no primeiro dia do mundo, e da qual são parte os vegetaes que sustentam a vida, os que restauram a

[1] Luiz Agusto Parada da Silva Leitão.

NOTA DOS EDITORES.

saude, os que alimentam as artes, os que servem por mil modos a todas as commodidades e delicias, o primeiro elo, repetimos, d'esta maravilhosa cadeia está no cestinho perfumado da jardineira, por onde, com assisado instincto, foram, em todos os tempos, as flores consagradas aos deuses autores de tudo; e ainda hoje são o mais apropriado ornamento de nossos altares, nos dias triumphaes de suas festas.

Não obstante, porém, receamos, e temos por quasi certo, que o pensamento profundo que ditou esta obra, não será devidamente avaliado por um grande numero. Poucos olhos por baixo das flores enxergarão os frutos; e uma indifferença desmerecida, mas talvez inculpada, a fará morrer á nascença, como flor delicada, que ninguem maltratou na sua hástea, mas que a seccura da terra e do ceo fez mirrar, antes que do casulo se lhe desdobrassem as pétalas, e se revelasse a todos o segredo das suas côres e fragrancia.

Os periodicos de uma só especialidade, e ainda de poucas, não prosperam em França, ¡quanto mais entre nós! E' logo forçado que o jardim que se abre para o Publico, e que aspira a *popular*, não se limite em ser escola; que se não veja ahi só o iniciado nos mysterios de Flora, procurando explical-os ás turbas, cuja maior parte passará sem o ouvir, e contentando-se de olhar para o labyrinto multicôr das filhas da primavera. E' indispensavel que n'este jardim se gose de tudo que deleita, e vem propriissimo a taes logares.

O artista quererá encontrar com estátuas ao fundo das alamédas florídas; o melancocolico desejará uma gruta, onde vá pascer suas phantasias; o namorado deliciar-se-hia de ouvir, por entre a folhagem de um caramanchão emboscado e escuro, uma historia de amores, o som de um alaúde que suspira em queixas de outrem, o ecco vago de suas magoas mais secretas.

O romance, a poesia debaixo das suas mil formas, seriam pois, quanto a nós, o complemento indispensavel d'esta obra.

Se, por algum modo, o nosso conselho pode parecer uma censura, ditada como é pela benevolencia não deixará ella de ser benevolamente recebida.

(Rev. Univ.)

CVIII

LABIA MEA APERIES

(Novembro de 1843)

Lemos na *Revolução de Setembro* de 11 do corrente, em uma carta anonyma do Porto, o seguinte notavel trecho:

«¡Um novo corrector temos nós; é S. E. o senhor D. Jeronymo, Bispo do Porto, que escandalosamente dirigiu uma circular a todos os Parochos, Clero, e parochianos da sua Diocese, a pedir, ou antes mandar, que subscrevessem para o periodico *Revista Universal* do Castilho! ¡Que por suprema influencia das pessoas que o obrigam a gastar papel, tinta e pennas, proprios, etc. etc., espera que logo que as circulares sejam recebidas se lhe remetta immediatamente 2$400 rs. importancia da assignatura! ¡E' até onde póde chegar a alçada de um ministro sagrado, de um principe da Egreja! S. E. já não precisa prestar serviços a ninguem, porque só a morte é que lhe dará baixa do posto; e então, ¡¿para que se sujeita S. E. á critica

periodica? Nós lhe aconselhamos que cure do seu ministerio, que não é tão pouco, se quizer merecer acatamento. A pastoral que S. E. dirigiu ás diversas classes de seus diocesanos não está em harmonia com o seu procedimento. Alheio a partidos e a paixões deve estar o santo, o virtuoso e beneficente Prelado D. Jeronymo José da Costa Rebello.»

*

Não carece de apologias nem defensas o illustre Prelado; nem o que se acaba de ler merece respostas dilatadas. Sejamos breves.

Ha aqui factos, e imputações.

Os factos estão maliciosamente falsificados.

As imputações são, pelo menos, ignorantes e injustas.

*

A Redacção da *Revista Universal* escreveu a cada um dos Ex.^mos^ Bispos d'este Reino, pedindo-lhes dois favores, mais favores para o Publico do que para ella mesma.

1.º—Que se dignasse S. E. de ajudar com as suas luzes, quando e quanto as obrigações do seu sagrado ministerio lh'o consentissem, o unico jornal que tinha de veras a peito os interesses *moraes* e *christãos*, a par com os interesses *materiaes*, *scientificos*, e *artisticos*. (As folhas de cento e oito semanas, duas mil seiscentas e quarenta columnas d'estas, não são leve documento para prova).

2.º—Que, visto serem os Parochos os que

melhor podem, mormente nas freguezias ruraes, transmittir ao Povo, que não lê, as noticias e reflexões proveitosas offerecidas pela Imprensa, S. E., tendo a *Revista* em conta de papel civilisador e christão, se servisse mandar distribuir pelos Curas de almas da sua Diocése os exemplares do programma, que do 3.º volume do mesmo jornal se lhe offereciam.

Todas estas cartas foram enviadas; e eis ahi toda a recommendação que se ha feito. Das Secretarias de Estado, ou dos escritorios particulares dos senhores Ministros, nem uma lettra sahiu para a corroborar. Era um requerimento justo; autorisava se por si; bastava-lhe e sobrava-lhe, portanto, o obscuro nome do redactor que o assignava.

Alguns dos senhores Bispos, que já tiveram a bondade de responder, fizeram como bons cidadãos, e bons Prelados: aproveitaram o ensejo que se lhes offerecia para contribuirem com mais um pouco de fomento para a felicidade temporal e espiritual do seu rebanho.

*

D'este numero foi o Ex.^mo^ e Rev.^dmo^ Se nhor D. Jeronymo José da Costa Rebello, ornamento preclarissimo da Egreja Lusitana, o qual mandando entregar os programmas aos Parochos, não desdenhou, por um insensato orgulho, recommendar-lhes, como de algum valor e utilidade, a obra de que se tratava; conselho zeloso e louvavel, que o anonymo correspondente da *Revolução* traduziu em mandamento, preceito, e ordem escandalosa.

¿Mas por que razão não teria um Bispo um direito, que todo o homem tem: o de recommendar por bem o que acha bom?

Um Ministro do Reino recommendou officialmente *O Panorama* ha já annos. Não estava certamente no regimento dos Ministros do Reino o recommendar panoramas; entretanto fez bem, e muito bem, porque o papel o merecia, e Lei nenhuma lh'o vedava.

Feliz o Reino, onde todos os empregados civís e ecclesiasticos, não pagos de se desempenharem de todos os seus deveres positivos, obedecessem tambem, em tudo, á natural e universal obrigação de não perder aso, em ponto algum, de beneficiar. Todo aquelle que pretére voluntariamente o bem a que podia chegar, é reo (perante a sua consciencia, pelo menos) de quantos males d'ahi hajam de provir, da perda de quantos bens d'ahi se poderiam originar.

E' a primeira vez hoje, que ao zelo desinteressado se chama tirannia, e se emprega a Imprensa para suppliciar a um respeitavel fautor da boa Imprensa, que allumia, ensina, moralisa e pacifica.

Estamos persuadidos de que os Redactores da *Revolução* não leram a carta, com que, algum seu inimigo pretendeu enxovalhar a sua folha, e atiral-a como cadella damnada contra a nossa, que nunca jámais, nem por sombras, a provocou.

*

Se a todos os empregados, a todos os cidadãos, até obscurissimos, incumbe por boa philosophia não perder lanço de bemfazer, ¡quanto mais apertadamente não correrá aos

Prelados essa obrigação de caridade! O que nos mais é louvavel, nem quasi chega n'elles a essa qualificação, porque é desempenho forçado de encargo religioso e expressissimo.

O *nemo militans Deo implicat se negotiis sæcularibus* não veda aos Bispos senão os maus enredos domesticos ou politicos, porque seria absurdo presumir, que houvesse Christo atado as mãos a seus Apostolos para toda a louvavel obra temporal, Elle, que, ao mesmo tempo que prégava a doutrina do Ceo, ia curando na terra os enfermos, acudindo aos necessitados, ressuscitando os mortos, e abençoando o trabalho

Christo, modelo dos Apostolos, que são os modelos dos Bispos, prégava com o seu exemplo todas as obras de Misericordia; e ¿aos Bispos ha-de ser defeso contribuir, com a simples recommendação de um papel instructivo, para o ensino dos ignorantes?!!

Se é zelo o que tal reprehende, zelo é de phariseus, que, não tendo mais que lançar em rosto ao Salvador, já o accusavam de fazer milagres ao sabbado, por ser dia de descanço.

¡Mal haja, mal haja quem transforma a Imprensa, de alampada em archote incendiario, e a arvore da Sciencia em clava de exterminação!

A mais, e muito mais, chegam os direitos e obrigações dos Bispos; e não o explicamos, porque ninguem (a não ser, talvez, o anonymo da carta) ninguem, nem ainda o serraninho mais rude e boçal, carece de tal explicação. Elle, o anonymo, que leia (se póde) o canon XVII do 6.º Concilio de Arles em 813

*

Ha vergonha, realmente, em gastar palavras, e citar exemplos, para evidenciar evidencias; mas não nos podemos despedir, sem recordar que, desde o Pontificado até aos ultimos Bispados, até ás ultimas Parochias da Christandade, desde os primeiros seculos da Egreja até aos nossos dias, todos os Pastores espirituaes, que mais dignos foram do seu officio, e mais alta e merecida fama grangearam, tiveram sempre a peito a felicitação, tambem terrestre, do seu rebanho. Transcreveriamos grande parte da Historia ecclesiastica, se os houvessemos de referir.

Aqui mesmo, em Portugal, os sabemos, cujo só nome, geralmente respeitado, aterraria aquelle homem sem nome, e o houvera feito emmudecer, se alguem, antes que elle chafurdasse a penna no seu tinteiro, e o espirito na malignidade, lh'o houvesse dito.

Reduzimo-nos a um só; e seja esse dos já finados, por não offender a christan modestia dos que vivem; seja D. FRANCISCO GOMES DO AVELLAR, de quem já demos noticia no artigo 1077, d'onde agora trasladaremos fielmente um pequeno excerpto; e é o que segue:

«Ao mesmo passo que todas as coisas da Egreja trazia desveladas e a ponto, o clero allumiado, honesto, e sollicíto, o povo edificado e com bons costumes; abria estradas e fontes, encaminhava e aperfeiçoava rios; impunha-lhes pontes; expurgava de cadaveres os templos, aparelhando cemiterios, e amansando para aquillo as repugnancias de

um costume inveterado; alargava e aformoseava praças; erigia e sustentava escolas para as disciplinas sagradas e profanas; alimentava viuvas e orphãos; promovia com dotes os casamentos e bons costumes, com Recolhimentos a boa creação, com exhortações, com o ensino, e com despesas, a dilatação e aperfeiçoamento da Agricultura. N'isto se parecia o seu báculo com o de Aarão, que no deserto encaminhava para a terra de Canaan, no Egypto tragava e consumia serpentes, e de mais, aonde fosse mistér, se coparia de folhas e carregaria de frutos.

«Deixamos aos escritores da Historia ecclesiastica o laborioso encargo de tecer a sua multiplice corôa; n'este logar, extremaremos do Pastor, do Civilisador, do Architecto, do Engenheiro, do Militar, e do Politico, unicamente o Lavrador; de tantos homens que era D. Francisco, o amigo dos homens do campo.

«Das culturas de que hoje se gósa o Algarve, varias e não poucas foram por elle introduzidas, mettendo para a obra quantos instrumentos achou á mão. A batata, que é o pão que a Natureza mais faz abundar nos annos que mais escaceiam de trigo, derramou-a Elle, mandando pelos Parochos aos lavradores, com uma circular admiravelmente persuasiva, as sementes e instrucções necessarias para o seu trato. Para o bom preparo dos figos, que são a principal substancia da provincia, escreveu uma pastoral. Para o enxerto da oliveira em zambujeiro, não se contentou de imprimir excellentes

instrucções, e mandal-as espalhar por todas as casas rusticas, se não que sollicitou, e alcançou do Governo, que os rusticissimos donos d'ellas fossem obrigados a receber o beneficio, e enriquecer-se contra vontade.»

Se houvesse no seu tempo um jornal com o indefesso, e nem sempre infrutifero, empenho d'este nosso, um jornal que olhasse pela Agricultura, pela Industria, pelas Estradas, pelo Commercio, pela Saude, pelas Sciencias, pelas Artes, pelas boas-Lettras, pelos Costumes, e pela Religião, ¿quem duvída de que D. FRANCISCO GOMES DO AVELLAR teria sido n'elle collaborador, como quasi todos os nossos Sabios de hoje, e em pastoraes sobre pastoraes o recommendaria a todos os seus clerigos e diocesanos?

*

Pedimos perdão a nossos leitores de tanta escrita sobre tão excusado assumpto. Fomos a ella forçados.

¿Perdoar-nol-a-ha tambem o anonymo? tememos que não. O offensor não perdôa nunca; e a sua vingança vai sempre pelas medidas da sua sem-rasão. Já contamos com isso; pouco se nos dá por nós. Pelo bom nome do Ex.mo Bispo do Porto, ainda menos, que nunca o estremecerão a elle assaltos d'estes.

Dá-se-nos porém, e dá-se-nos muito, pelo credito da Imprensa, que não foi inventada para cáthedra de insipiencia, e pelourinho de innocentes e de honrados.

(*Rev. Univ.*)

CIX

MENDIGOS

(Novembro de 1843)

Contam as folhas do Porto, que em dia de finados appareceram todas as ruas da cidade guarnecidas, por uma e outra parte, de mendigos; entre os quaes havia muitos, com pernas, braços, e outras partes do corpo, cobertos de chagas e feridas; e na rua de Santo Antonio, que é das principaes da terra, era este painel mais carregado e terrivel que em nenhuma outra.

*

Não fazemos côro aos illustres escritores, que se levantam para condemnar absolutamente aquelle, em tal dia, já antigo uso.

Bem sabemos, que um bando de mascarados leva mais divertidamente os olhos de quem passa, que os andrajos fétidos, o rosto descarnado e macilento, e as cans sem honra do velho que pede pão. Bem sentimos, que

a phantasia, ao som d'aquelles pregões de miseria, não se arma de purpuras e flores para hospedar delicias, como á face de uma soberba scena de ópera, e por entre renques esplendidas de damas arraiadas de joias e formosura (formosura, como as joias, muitas vezes artificial e enganadora).

Mas o dia, que, d'entre tantos centos de dias mundanos, foi extremado para religioso, d'entre tantos centos de dias alegres foi escolhido para tristissimo, para meditativo, para desenganador e moralisador, ¿para que é pretenderem esbulhal-o do que mais suavemente lhe pertence?

¿Não é a festa dos mortos o maior banquete da beneficencia? ¿Com que direito se ha-de excluir d'ella o pobre?!

— As tuas chagas, as tuas dores, a tua nudez, isso que tu, homem como eu, padeces continuamente... vae-te para longe, que o não posso eu soffrer um só minuto. Não me venhas lembrar pela tua presença, que tambem eu posso cahir para onde tu jazes; que a Natureza e a fortuna me podem perseguir com egual ou maior rigor; que eu poderei estender a mão, e recolher o escarneo. Vae-te apodrecer e morrer, blasphemando, se quizeres, no esconderijo do sótam, do subterraneo, ou da cavalhariça onde te consentem. O mundo do sol e do ar pertence-me; o fio dos meus praseres, não o quero quebrado pelo teu passar, nem distingido pelo reflexo das tuas faces.

¿E' isto? Não ha duvida que isto é.

Mas não se repara que se arranca da companhia da Fé e da Esperança a sua irman

inseparavel, a unica das tres virtudes maximas que não tem de morrer, como a Esperança e a Fé, no ultimo dia do mundo, porque o amor é o unico dos bens da terra que não fenece.

Dizia o Imperador Juliano, o Apóstata, o qual porém não renegára da Philosophia, que as tres coisas, que mais fizeram para se o Christianismo estabelecer, foram: a caridade no esmolar aos pobres, outra vez a caridade no tratar os defuntos, e a pureza dos costumes.

¿Que philosophia é, logo, a que, permittindo que visitemos com presentes d'alma aos necessitados do sepulcro, extranha que nos lembremos dos indigentes que ainda vivem, e os procura afastar, não tanto por que se poupem alguns seitís, como por que não venham pensamentos nimio sérios e moraes aguar-nos alegrias, talvez criminosas, pelo menos impuras?

*

«Coisa sagrada é o infeliz» — dizia um poeta pagão.

Os Gregos reservavam uma parte da victima sacrificada, para os pobres.

Mas o dever estricto de soccorrel-os e amal-os veio ao mundo com a Lei de Christo, que preferiu nascer pobre, e compôr de pobres o seu Apostolado, que evangelisou a pobreza como bemaventurança, que ordenou semear na terra para colher no Ceo, e declarou expressamente qual sería a fórmula do julgamento: — «Vinde comigo, por-

que tive fome e déstes-me de comer; tive sêde, e déstes-me de beber; estava nú, e vestistes-me; e vós outros, i-vos, porque vendo-me faminto, sedento, e despido, não me alimentastes, não me dessedentastes, não me cobristes.»

O pobre, portanto, não é só um homem; não é só uma coisa sagrada; é Christo mesmo.

«Tudo que lhe fazeis — disse elle — a mim o fazeis.»

E' pois a Christo que desejam repulsar do meio da cidade christan, e em dia christianissimo. E' ser peor que o mau rico do Evangelho, que só expulsou a Lazaro.

*

E não queremos ainda aqui hoje advogar a causa dos pobres por parte dos mesmos pobres, se não unicamente pela conveniencia dos que o não são.

Não ponderamos o seu jus natural a um quinhão dos bens da terra; o descahimento do seu espirito sob o infortunio que os esmaga, entre montes de felicidades alheias; a inveja, os vicios, e a depravação, que a nossa injustiça lhes semeia talvez nos corações; a consternação de ver filhinhos finar-se á mingua, a mulher a morrer a morte d'elles, as enfermidades a crescerem com as privações, e em todo o horizonte nem uma estrellinha de esperança.

Consideremos só o ineffavel da alegria que deve experimentar o abastado, quando, recolhendo-se ao seu leito, o seu coração lhe disser lá dentro:

«Hoje, sim, que é adormecer sorrindo, e sonhar muitas felicidades, porque andam bençãos em derredor do nosso tecto, esvoaçando e pipilando, como andorinhas que chamam primavera. Abraça-me, que assim te amo eu, como te ora está amando aquelle meu irmão, o coração do pobre a quem soccorreste. Abraça-me, que fui eu, quem te levei a elle. Quando todos os dias tu malbaratas uma parte da tua prata, do teu oiro, e tambem de nossa existencia, em mercar o que tu appellidas praseres, chóro eu em silencio, e quero mal á fortuna, que em melhor peito me não guardou; chóro, e aconselho-te como sei. Então me dizes que me cale; e ás delicias, que te embalem e te adormentem. Eu quero obedecer te, e não posso; tu dormes, e eu velo, agito-me, péso-te, e acordo-te; e um ao outro nos queremos muito mal. Hoje, não. As lagrimas, que enxugaste nos olhos d'aquelles meninos, estão-me coroando como aljôfares; o sorriso, que desabrochaste na bocca d'aquella mãe, está florindo dentro em mim; e o allivio d'aquelle enfermo curou-me de todas as minhas dores. Dorme, dorme em paz, que eu te velarei; sou eu hoje o teu Anjo da guarda. Ainda uma palavra antes de cerrares os olhos. ¿Sabes tu o que eu estou adivinhando? é o caso d'aquella viuva de Sarepta, que deu para matar a fome a Elias o poucochinho de farinha, e a ultima gotta de azeite, que havia em casa, com que amassou um bolo, e o regalou; e d'ahi em diante, nunca na almotolia lhe faltou o azeite, nunca se lhe acabou a farinha na sua arca. E' porque a esmola en-

riquece a quem a dá. Andar, andar, que aos nossos filhos e á nossa mulher nunca lhes ha-de faltar coisa nenhuma, em quanto as orações dos felicitados pela tua mão estiverem subindo (como n'esta hora) bem sabes para onde.»

Sim, a caridade que se exercita é ao mesmo tempo um contentamento, uma esperança, e um sôpro celeste, que nos desvia suavemente de muitos escólhos, e nos avisinha cada vez mais a todas as virtudes.

*

Não ignoramos que a chamada civilisação moderna tem ordenado que se monde, quanto possivel fôr, a sociedade de tudo quanto, por qualquer via, desapraz aos sentidos corporaes; que, não podendo lançar ao mar os pobres que pésam sobre a terra, inventou Asylos para alguma parte d'elles, como deu aos seus cadáveres umas vallas por enterradoiro.

Humana a seu modo, substituiu á caridade modesta uma coisa ostentosa a que chamou *philanthropia*, que arremeda a caridade como o bugio arremeda ao homem, como a flor de seda sem perfume, vista de longe, imita a rosa.

Mandou que se esmolasse por listas impressas, ou bailando e jogando, ou concorrendo á representação de um qualquer drama, mas sem ver (nem por sombras) o pobre, cujo aspecto contristaria.

¡Oh! ¡a civilisação! ¡a civilisação!

¿Mas não vedes vós, philosophos blazo-

nadores da *civilisação*, que isso de que fazeis despejo são entes humanos? ¿que estais encarcerando a quem não fez crime? ¿que os vossos chamados *asylos* são verdadeiras rodas de enjeitados para adultos?

¿Não vêdes que, expulsando-os do seu gremio, as cidades se assemelham a essas mães desnaturadas, que entregam os frutos de seus amores a mãos mercenárias e desamoraveis, só para que o suave cuidado de os pensar e nutrir não as distráia do enlevo do toucador, de estudar os praseres no romance novo, e de realisal-os nos bailes, nos passeios, nas assemblêas?

¡E se ainda ao menos fosse aquillo! ¿Mas onde estão ahi na cidade os asylos para todos os pobres? E se essa desgraçada ventura não chega para todos, se muitos, se a maior parte, são condemnados a mendigar ou a morrer, ¿como se levanta uma voz irada a clamar: «Não mendigueis; desapparecei das portas da casa da oração, cujos visitadores poderiam soccorrer-vos; não ouseis mostrar-vos nas ruas, nem sequer no dia em que os pensamentos não são da terra nem da vida!»

Os escritores que esse pregão lançaram, commetteram certamente um grande peccado contra o espirito do Christianismo; outro contra a Humanidade; outro contra a Philosophia.

Os dois primeiros, temos já por superfluo demonstral-os; o ultimo, pouca reflexão basta para o descobrir.

*

Vêde quantos livros se escrevem para a educação moral, assim da puericia, como da adolescencia, como da virilidade, como da velhice.

¿Que vêdes quasi sempre em todos elles? estimulos ao mutuo amor, incentivos á beneficencia.

¿Que nos diz a novella, que a mãe honesta se compraz de reler á sua filha? ¿Que nos descobre o drama, aonde o pae folga que os seus filhos vão com elle? quasi sempre o infortunio, para nos ensinar, já a evital-o para nós e para os outros em quanto é tempo, ou a remedial o depois de nascido, ou, depois de irremediavel, a carpil o.

Já, pois, a civilisação admitte tristezas, e consente lagrimas.

*

Consente-as sobre uma pagina impressa. Consente-as sobre o peitoril de um camarote. Consente-as sobre chyméras improvisadas. E com rasão as consente, porque essas lagrimas são boas.

¡E prohibe-as... sobre infortunios verdadeiros de irmãos nossos!?

(*Rev. Univ*).

CX

LEI DA IMPRENSA

(Dezembro de 1843)

N. B. — Este artigo é nota ao capitulo VI das *Viagens na minha terra*, impresso no numero da *Revista Universal Lisbonense*, de 7 de Dezembro de 1843, vol. III, serie II; n.º 16, art. 2388.

Os Editores

O que dissemos na advertencia preliminar ao capitulo V d'esta *Viagem*, nos desobriga de emittirmos e fundamentarmos o nosso parecer ácerca de cada um dos gracejos politicos do snr. Garrett; e com tal desobrigação folgamos nós muito, que não trajamos nenhuma libré politica, e muito menos n'esta folha.

Toca porém o autor n'este capitulo um ponto, que, por se referir a um grande principio de Direito constitucional, deve ser considerado. Não o faremos extensa e analyticamente; tudo para isso nos falta: espaço,

gosto, e sciencia; mas de corrida, e com sincera consciencia, havemos de fazel-o.

Na actual questão da Imprensa, nenhuma das partes disputantes nos parece ter por si toda a rasão. O relatorio pelo Governo apresentado, mal poderá a Opposição, e ainda o empenhado e grandioso talento do nosso amigo o snr. Garrett, contrastal-o quanto aos factos, que são de rigorosa verdade; nem quanto aos principios, que são de inconcussa philosophia; nem quanto ás consequencias moraes, que são deduzidas com mathematico rigor. A liberdade de Imprensa é um direito inalienavel dos cidadãos; a repressão dos excessos da Imprensa é outro direito, tambem inalienavel, da sociedade, e uma sua obrigação irremissivel.

A Imprensa portugueza passou de livre a licenciosa; pode-se e deve-se reprimir. As Leis vigentes não bastam para isso; é necessaria uma Lei nova; o Parlamento, achando-a boa, deve approval-a.

Até aqui, nada ha em que possam caber refutações ou duvidas, muito menos injurias ou improperios.

¿Mas a Lei offerecida pelo Governo ao Parlamento será por ventura boa? Temos que não. Confessado, e provado, que o jury constituido era injusto, importava: ou demittil-o de todas as causas de Imprensa, e não unicamente de algumas como faz o projecto; ou, se isto era inconstitucional, reformal-o. Reformar é sempre, em boa philosophia, preferivel ao destruir.

Para a reformação do jury havia o meio mais facil, mais natural, e mais efficaz: era

exigir-se ao cidadão, para ser jurado, além, ou em vez, do censo pecuniario, legaes abonos do seu censo intellectual. O jury, composto dos homens de Lei, dos Ecclesiasticos, dos Medicos, dos Mathematicos, dos Philosophos, dos approvados em qualquer sciencia por uma Universidade, pela Escola polytechnica, pela Aula do Commercio, etc., dos Professores de qualquer disciplina ou arte liberal, etc. etc. etc., não se deixaria enganar, nem facilmente subjugaria a sua consciencia, nem malbarataria por iniquas sentenças o seu credito.

A substituição que ao jury se pretende fazer, para o julgamento das injurias da Imprensa contra os objectos maximos do Estado, parece-nos mal conforme á Carta, e á philosophia do Direito. Uma Camara julgando é já muito; julgando porém em causa propria (allegue-se o que se allegar de analogias e exemplos estrangeiros) repugnará sempre o senso intimo.

De balde se diz que um tão respeitavel corpo, e em tão solemnes actos, ha-de timbrar em mostrar-se justo. Não passa isso de uma presumpção, e pouco verosimil. Mais depressa seria justo, e até generoso, o individuo offendido sentenciando ao seu offensor, porque temeria sempre a nota de egoismo ferrenho, que nenhum dos membros de uma Camara pode recear em condemnando ao inimigo da mesma Camara. Ahi, até a mais flagrante injustiça poderá parecer muitas vezes acto heroico, e admiravel sacrificio dos sentimentos particulares ao interesse e honra da communidade. Antes, em tal ca-

so, trocar as mãos: fazer os Pares juizes das offensas contra os Deputados, e os Deputados das offensas contra os Pares. Seria ainda talvez um desvio da constitucionalidade, mas não seria já infracção do eterno e fundamentalissimo principio de Direito *nemini licet sibi jus dicere.*

Esperamos que estas razões, se por ventura teem o pezo que lhes suppomos, sejam bem acceitas pelo Governo, que notoriamente não procurou no seu projecto senão o bem, e pelas Camaras legislativas, que não menos ardentemente o desejam, e que, de mais a mais, para emendarem a proposta que se lhes offereceu, teem a razão fortissima do seu melindre.

(*Rev. Univ.*)

CXI

UM HABITO DE REMUNERAÇÃO

(Dezembro de 1843)

Por mais de uma vez haviamos n'esta folha sollicitado a attenção do Governo para com os serviços que á nossa Litteratura tem feito, e de continuo faz, o distincto escritor francez, e nosso estimavel amigo, o snr. Ferdinand Denis, que n'este momento está refundindo e aperfeiçoando o seu interessante livro *Résumé de l'histoire de la littérature portugaise.*

Sua Majestade Fidelissima, a Quem elle enviára por brinde as suas *Chroniques chevaleresques d'Espagne et de Portugal*, Dignou se em Setembro ultimo agracial-o com a Ordem da Conceição. A lettra do decreto em que esta honra lhe foi conferida é delicada, e fica bem a ambas as partes.

(*Rev. Univ.*)

CXII

PROPRIEDADE LITTERARIA

(Dezembro de 1843)

A pirataria litteraria que envergonhava parte do nosso jornalismo, e empobrecia e ameaçava de morte outra parte d'elle, que de certo não era a menos rica, nem a menos util, amainou ha tempos, se ainda de todo se não extinguiu.

Foi um progresso de civilisação moral e litteraria. Custou grande trabalho, e muita perseverança; mas obteve-se.

Os exemplos de latrocinio periodical são hoje raros, e pede a justiça que declaremos que são ainda mais raros do que o parecem, porque o caracter de alguns dos redactores, que em suas folhas reproduzem artigos d'esta nossa, sem ahi designar d'onde os houveram, é aliás tão conhecido, que mais se deve isso attribuir a descuido dos seus compositores e revedores, do que a uma fraude mesquinha e tôrpe, e a uma especulação contraproducente da Redacção.

Novamente supplicamos pois a todos os nossos collegas, que recommendem aos directores de suas typographias, que não consintam se falhe comnosco á pontualidade honrada, a que nós até hoje não faltámos para ninguem.

O *Tribuno* tomou-nos o nosso ultimo artigo de S. Carlos pelo snr. Silva Leal, sem outra alguma declaração mais, do que o nome do autor.

Na *Arte de cultivar a seda* pelo snr. Tinelli vemos, a paginas 87, copiado como da *Coallisão* um longo trecho do importantissimo artigo 2:094 da *Revista;* provavelmente porque na *Coallisão* apparecêra como seu proprio.

Jus suum cuique.

(*Rev. Univ.*)

CXIII

PLANTAÇÃO DE AMOREIRAS

(Janeiro de 1844)

Conselho, requerimento, supplica, obsecração ás Camaras municipaes

Muitas vezes se tem já ponderado, que o arborisar as praças e largos das cidades é contribuir ao mesmo tempo para a saude e para a recreação do Povo. Agora acrescentaremos, que o arborisal-as com amoreiras seria ajuntar a estes dois beneficios um terceiro muito grande.

A vista contínua d'estas arvores estaria prégando diligencia, e aguçando a todas as horas uma louvavel cubiça aos moradores seus visinhos: muitas familias, podendo mandar colher a folha, perto e sem difficuldade, creariam o bicho da seda; as donzellas e creanças brincando juntariam o seu peculiosinho, brincando contrahiriam o habito do trabalho e vigilancia; e, generalisado este gosto, o Reino se acharia menos pobre de anno a anno.

O largo *das Amoreiras*, em Lisboa, está quasi n'um arrabalde, e de alguns bairros dista légua, e mais; sem embargo, não falta quem lá mande buscar mantença para os seus bichos. ¿Que não seria pois, se em toda a parte, onde estas dadivosas arvores não empecessem ao tranzito, as plantassem, conservassem, e defendessem com amor?

A praça *das Flores*, a *da Alegria*, o *Rato*, a *Patriarchal*, a *Estrella*, a *Fundição*, as *Côrtes*, as *Necessidades*, *S. Paulo*, o *Carmo*, *Belem*, o campo *de Sant'Anna*, o largo *do Intendente*, o *do Quintella*, o campo *de Ourique*, etc. etc., cobrariam realce de formosura, mandariam ás casas saude e oiro; e tudo isto não haveria custado á Camara de Lisboa mais que algumas poucas moedas.

O que dizemos de Lisboa, das outras cidades e villas, e ainda de muitas aldeias, o dizemos.

¡Louvor, e grandissimo, ás Camaras Municipaes, que primeiras fizerem obra d'este alvitre! Nós nos apressaremos de estampar os nomes dos seus Presidentes e Vereadores, logo que d'elles nos chegar noticia.

Por esta occasião, tomamos a liberdade de lembrar á de Lisboa, que a extensa plantação das amoreiras, que ha poucos annos se mandou fazer na encosta junto á estrada do Carvalhão, se acha mui deteriorada pelo desamparo, e absoluta falta de tratamento.

(Rev. Univ.)

CXIV

PATEADAS

MEMORANDUM THEATRAL

(Janeiro de 1844)

Ha muito quem negue o direito de patear, como uma atropellação do direito, que, no acto de pagar a sua entrada para o espectaculo, adquiriram os outros de pacificamente se gosarem d'elle. Não queremos nós ser tão rigorosos. O emprezario é um fabricante, que se faz pagar adiantado, e antes de mostrar a sua fasenda; se a der má, ou estragada, não fica ao seu freguez outra desforra, senão manifestar-lhe que está descontente d'ella.

¿ Mas quem é o freguez a quem se ha-de reconhecer este direito? unicamente o Publico; e Publico não é senão a totalidade, ou a maioria. Logo, a totalidade, ou a maioria, pode patear; presuppondo, já se sabe (o que nós não affirmaremos) que as pateadas são unanimes, são licitas (salvo depois de terminado o espectaculo, porque então já se não perturba o divertimento de ninguem).

Acceitemos a posse velha e o costume, como direito. O Publico pode patear perturbando e interrompendo a representação; mas ¿com que lógica se poderá transferir este já de si mui problematico direito para a minoria? ¿Como se hão-de meia duzia de homens, que não pagaram mais, transtornar e embargar o recreio de mil pessoas, que alugaram o espectaculo para o usufruirem inteira e quietamente, que o approvam, que estão patenteando a sua approvação, e com esse mesmo acto protestando contra a violencia e roubo que se lhes faz? E' absurdo; é violação da propriedade; é infracção do principio das maiorias, fundamento essencial de todo o systema politico moderno; e é, na autoridade, vergonhosa fraqueza o consentil-o.

Nos theatros europeus de primeira ordem, em cuja conta entra o de S. Carlos de Lisboa, ha tambem pateadas, e estrondosas; ¿mas quando? ¿e como? raramente; quando vale a pena; e dadas pela maioria. Em todos os outros casos, o grito de «rua, rua», «*à la porte*», fórça os discolos ao respeito. Se assim não fosse, os theatros artisticos não distariam muito, em decencia e cathegoria, das praças de toiros, ou das danças de ursos e macacos nos arraiaes das romarias provincianas.

Em S. Carlos observa-se, ha muitos annos, o contrario; e é esse um dos argumentos da nossa selvajaria, com que os estrangeiros nos apupam nos seus jornaes e conversações.

S. Carlos, cujas companhias teem sido muitas vezes das melhores que jamais cantaram em theatros pobres, e de quasi gratuito acces-

so, S. Carlos tem a sina de ser sempre tirannisado e dominado (não se sabe por quê) por oito ou dez particulares, influidos nos seus juizos não pelo amor e conhecimento da Arte, mas pelo amor e conhecimento de tal ou tal dama. D'aqui, aquellas interminaveis *guerras do alecrim e mangerona*, de *boldrinistas* e *barilistas*, e hoje (¿quem o creria?) de *olivieristas* e *rossistas*. D'aqui, a perda que teem padecido na sua força moral, e por consequencia na sua virtude medicinal, as pateadas. D'aqui, o tédio que as pessoas sizudas, e as senhoras, não costumadas a presencear grossarias tabernaes, já vão sentindo contra os bancos d'aquelle circo chamado Opera. D'aqui, as novas difficuldades, que os futuros emprezarios encontrarão para acharem cantores ou dançarinos de merito, que se resolvam a desterrar-se de Roma para entre Gétas e Saurómatas. D'aqui, emfim, o faltarem, até, emprezarios; o fecharse hermeticamente o theatro, e ficarem privados muitos centenares de pessoas dos seus mais agradaveis serões, e os dez ou doze autores de tão bella obra reduzidos a trasladarem para certas casas particulares, com privilegio de publicas, as provas do seu bom juiso, da sua justiça, e da sua educação.

Sabemos que as pateadas acintosas teem ainda outras causas mais nojentas: despeitinhos de concorrentes supplantados, esperanças de supplantarem pelo enredo aos que não podem egualar com os meritos, desforras de exclusões, etc., etc., etc. Mas as causas principaes são indubitavelmente estas, que apontamos, e que não queremos

historiar, de enredinhos feminís, os quaes a tal incremento são chegados pela impunidade certa, que na manhan de domingo ultimo já produziram um acontecimento atroz, e inaudito nos nossos fastos theatraes.

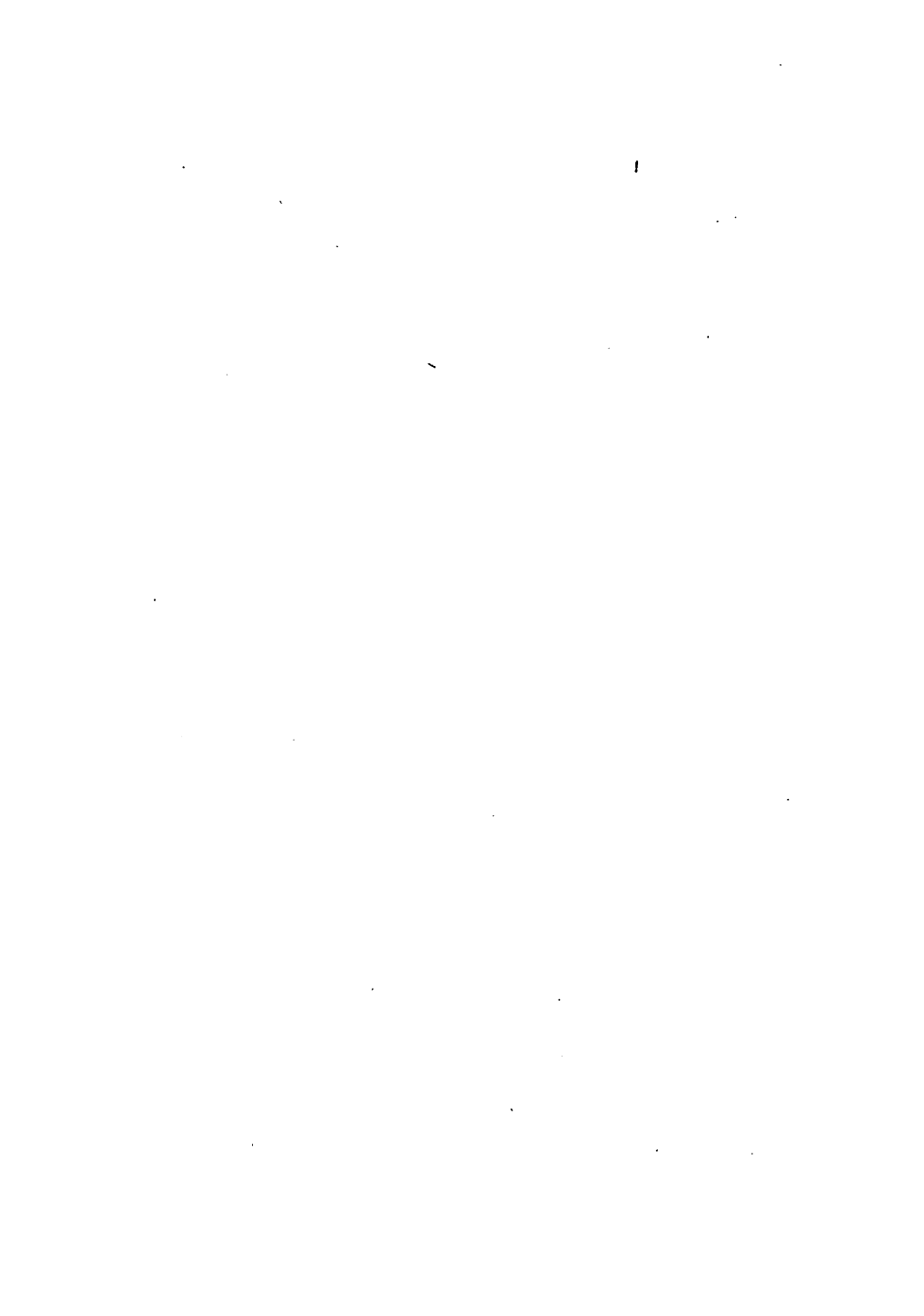
O snr. Antonio Porto presidia ao ensaio do *Regente*. Havia no tablado, bastidores, e serventias adjacentes, mais de cento e cincoenta pessoas, entre artistas, empregados, e assignantes, a quem graciosamente se permitte o assistir a taes actos. Um dos assignantes (não pomos nomes, onde se trata de vergonhas) requer ao snr. Porto, cujo conhecido e amigo era, duas palavras em particular; o snr. Porto levanta-se immediatamente, dá-lhe o braço, condul-o para o fundo da scena.

Era o caso, que certa dama, escriturada pela empreza, e pela empreza agora enviada para o theatro do Porto, queria ficar na Capital. Uma clausula da sua escritura a obrigava a obedecer; mas o obedecer não lhe convinha; e invocava, segundo parece, uma promessa particular, que dizia haver-lhe sido feita pelo snr. Porto, extra-officialmente já se sabe, visto não ser elle emprezario, e que portanto só podia significar os seus bons desejos, e a promessa dos seus bons officios. O snr. Porto respondeu cortezmente ao plenipotenciario, que não era elle o autor da remoção, nem estava em sua mão o revogal-a. Continuava explicando-lhe o negocio, quando o campeão da *Dona Dolorida*, levando da grossa bengala com que se apparelhára, lh'a descarregou violentamente por tres vezes successivas, sem lhe dar tempo

para defender-se. A indignação excitada por este acto de brutal demencia foi geral, e impetuosa. Alguns correram sobre o aggressor; e não foi senão a muito custo, que este logrou subtrahir-se, por uma fuga precipitada, á justissima cólera do snr. Porto, e de não poucos dos assistentes.

Para bem se avaliar a gravidade d'este attentado, não basta reflectir na semrazão que o suggeriu, na covardissima falsa fé que o acompanhou, na escolha do logar e hora em que foi commettido, pois que então, e ali, era de alguma forma o hospede que insultava o dono da casa, e no centro de sua familia; mas é preciso accrescentar que o snr. Porto é, pelo seu temperamento, pela sua edade, e pela sua educação, uma das pessoas mais inoffensivas e amenas que se poderiam encontrar.

Esperamos o que fará a Justiça, a quem o negocio já está affecto. O magistrado de policia correccional que o ha-de sentenciar, é um dos mais respeitaveis e respeitados do nosso Fôro. A sentença não póde deixar de sahir severa; e severissima a pede o clamor publico; aliás, assim como das pateadas acintosas e impunidas passamos já á apaleação, brevemente passaremos da apaleação ao assassinio em pleno theatro.

Não é, não é, de veras, toleravel, que o espectaculo mais publico e mais alto da Capital, que a vida mesma dos cidadãos que o compõem, e que o dirigem, estejam á mercê do primeiro furioso, e dependentes do primeiro sorriso matutino de uma divindade de bastidor. *(Rev. Univ)*

JOSÉ JOAQUIM RODRIGUES BASTO

CXV

O LIVRO DE OIRO

(Janeiro de 1844)

Com este titulo annunciámos no artigo 565 a obra intitulada *Meditações, ou discursos religiosos,* publicada em 1842. Hoje acaba ella de apparecer em segunda edição, com o nome de seu autor, o snr. José Joaquim Rodrigues de Bastos, e notavelmente acrescentada.

Grande praser nos é o termos de corroborar os sinceros elogios que então lhe démos, e nos quaes todo o Publico illustrado concordou comnosco. A mesma christan philosophia que lhe notámos, nutrida com o estudo e copiosa lição, e ornada com um estylo sempre claro, discreto, elegante, e ás vezes eloquente, tornamos agora a achal-a nos seis capitulos que nos apparecem de novo; a saber: o XIV, sobre a *Justiça;* o XV e XVI, sobre a *Injustiça;* o XVII, sobre o *Suicidio;* o XVIII, sobre os *Magistrados judiciaes,* e o XIX, sobre a *Esperança.*

Não queremos enfraquecer estes bellos tratadinhos, dando aqui d'elles uma ideia resumida, descurada, e infiel. Guardamo-nos para na primeira conjunctura que se nos offereça trazermos d'ali para as nossas paginas alguns excerptos, sobre maneira proveitosos, e nomeadamente do que toca ao *Suicidio*, e aos *Magistrados*.

O autor procura, e acha, a causa dos maiores males particulares e sociaes na falta de crença religiosa; d'onde se infere, que nenhuma obrigação urge mais imperiosamente a consciencia dos estadistas, do que restituir ao Povo a religiosa educação. E' uma verdade esta, que nunca será demasiadamente repetida, e que deveria estar gravada em lettras de oiro por cima das portas interiores e exteriores do alcáçar das Leis, dos paços Reaes, e das universidades e escolas de todo o Reino.

(Rev. Univ.)

CXVI

ESPANTOSAS ABERRAÇÕES DO ESPIRITO HUMANO

(Janeiro de 1844)

Somos informados de que existe em Lisboa (¿e que é o que n'esta Lisboa não existe?) uma reunião de mancebos, que trata de merecer de veras, pelas suas obras, o titulo singular que assumiu de *Sociedade dos desvaríos*. Andam armados de thesoiras, com as quaes nos passeios, nas egrejas, nos omnibus, nas entradas e sahidas do theatro, cortam e estragam os vestidos das senhoras, preferindo sempre, já se sabe, os mais ricos; dizem-lhes chufas, que as obriguem a córar, etc.

Ha poucos dias, andando uma pelo braço de seu marido no Passeio publico, um d'elles correu a dar-lhe publicamente um beijo. A sua impunidade foi devida á grandeza mesma e ao extraordinario do seu crime, porque assim a dama como o cavalheiro ficaram como extaticos por muito tempo, sem saberem dar-se a conselho, imaginando

que não era senão um doido furioso que os acabava de provocar.

Não procurámos saber o nome de nenhum dos *confrades;* mas asseveram-nos que a *confraria* existe; e se existe, e a tolerarem, asseveramos nós tambem que os seus desvarios não tardarão em passar a mais alguma coisa; e já para começo não é pouco isto.

Em Napoles, todos estarão lembrados de haverem lido nos jornaes que havia, no verão passado, uma sociedade denominada *os queimadores*, cujos membros, tambem sem nenhum outro interesse mais que o singularisarem-se, andavam armados de certo liquido, que ao passarem esparziam subtilmente sobre o fato das senhoras, e que, apenas sêcco ao ar, se inflammava violentamente; do que, algumas na populosissima rua de Toledo, e em poucos minutos, pereceram abrazadas. O Chefe da Policia afixou editaes, em que se promettiam avultados premios a quem prendesse, ou denunciasse, algum dos queimadores, e mandava aos agentes da força publica, que em colhendo algum em flagrante começassem por aperreal-o mui bem aperreado com bordoada; providencia um pouco insolita, mas a que os proprios jornaes francezes, inglezes, e sobre tudo os allemães, fizeram elogios.

A proposito de sociedades, diremos ainda, que nos certificam haver outra, tambem de mancebos, que se reune todas as noites, unicamente para dizer mal da vida alheia, contribuindo cada um com o que as suas investigações, ou o seu talento inventivo, lhe

poderam subministrar. E' um periodico verbal, a que não faltam collaboradores.

Abstemo-nos das reflexões, que sobre o nosso desgraçadissimo estado moral e social nos suggerem estes factos.

¡Sociedades de desvaríos! ¡Sociedades de murmuração! ¡Sociedades de jogo! ¡Sociedades de agiotagem! ¡Sociedades de pateadas! ¡Sociedades de novellas de George Sand e Paulo de Kock! ¡Sociedades de testemunhas falsas! ¡Sociedades de... sociedades de tudo!...

Nunca se correu mais *socialmente* para a dissolução e para a ruina.

(Rev. Univ.)

CXVII

AMOREIRAS

(Fevereiro de 1844)

A indolencia da maior parte dos naturaes d'esta optima terra é quasi proverbial.

Quem possue um solo e um clima como este, se não é riquissimo, é porque o não quer ser.

Entre nós quasi que não valem suasórias; por mais que se pregue a bondade de qualquer coisa, não ha fazer proselytos.

As fontes da riqueza publica estão exhaustas. Não ha-de ser pelo Commercio, que nos havemos de enriquecer, porque não temos Industria; e, por mais que trabalhemos, a nossa Industria talvez nunca chegue a competir (pelo menos na quantidade) com a ingleza, alleman, e franceza. Mas resta ainda um terceiro caminho, por onde possâmos ir procurar fortuna; isto é pela Agricultura; e temos fé viva em que ella nos ha-de salvar.

D'entre todas as producções que a Industria agricola nos pode offerecer, uma ha,

comtudo, para a qual, segundo nós, se devem applicar todas as attenções. Falamos da seda.

Em muitissimos artigos temos tratado d'esta importantissima producção, levando ao conhecimento de todos, desde a menor coisa até á maior, para se dedicarem ao plantio da arvore que ha-de nutrir o bicho, á creação d'este, ao modo de colher a seda, etc.

Se a maior parte dos nossos conterraneos tem desdenhado esta fonte de riqueza publica, alguns ha que teem merecido que d'elles hajâmos feito menção no nosso jornal, registando n'elle o em que teem primado.

O snr. Antonio Pedro de Salles é um dos que mais teem concorrido para que esta industria se estabeleça entre nós. Muitas vezes tem elle procurado insinual-a nos animos de todos, já por annuncios, nos jornaes, de que merca toda a quantidade de casulo que appareça, já offerecendo-se a preparal-os por conta dos seus donos, já procurando estabelecer no Barreiro uma officina de creação de bicho, já aviando encommendas, quer de bichos, quer de arvores para sua creação, para diversas partes, já promovendo a introducção e plantação das multicaules, etc.

No nosso artigo 2:525 pedimos á Camara Municipal, que lançasse olhos piedosos para o amoreiral situado na encosta que dá sobre a estrada do Arco do Carvalhão; porém agora sabemos, que aquelle amoreiral pertence ao snr. Manuel Joaquim Jorge, um dos proprietarios da Fabrica das sedas. A

este, por consequencia, se dirigem os nossos rogos; e á Camara Municipal instantemente requeremos, por parte da fortuna publica, que faça vigiar as amoreiras plantadas no Campo-grande, Largo do Leão, Calçada de Arroyos, Penha de França, e Campo de Sant'Anna.

(*Rev. Univ.*)

CXVIII

APERFEIÇOAMENTO NA LOIÇA DE BARRO

(Fevereiro de 1844)

O vidro, os crystaes, as porcelanas, sendo materias de si mais ricas e formosas que o rustico barro simples, tinham desterrado esta baixella de nossos maiores para as choças mais indigentes, permittindo-lhe, quando muito, accesso a uma ou outra cosinha das cidades; e o oleiro, condemnado, por consequencia, a vender por preços infimos, parecia, ao pé da sua roda, o unico individuo da classe industrial fadado a permanecer, em quanto todo o mais exercito marchava para a perfeição.

Um artista de talento, M. Ziegler acaba de fazer uma revolução democratica em favor do barro. Quebrou, como Gedeão, aquelles vasos despresados, mostrou a luz, e venceu.

As obras de tal materia fabricadas por M. Ziegler, por seu bom tempêro, solidez, e lustre, e sobretudo pela graciosa e artistica elegancia de suas formas, apparecem já nas

mezas de luxo, e entre os apparatos dos festins, hombreando com os esmerados productos de Sèvres, de Saxonia, e da China.

Tres fabricas se acham já em França, trabalhando pelo systema d'este feliz revolucionario da Industria; e tem a satisfação de ver, que, apesar da altura dos preços, que a novidade por ora conserva ás suas maravilhas, ellas são sôffregamente procuradas, assim de dentro como de fora do Reino; e vão ornar, até, os gabinetes das casquilhas, e salas sumptuosas dos ricaços; ¡ tanto é verdade, que a arte e o bom-gosto podem inesperadamente sacar do nada novos valores para o commercio.

Para paizes empobrecidos, esta novidade, se estimular brios aos oleiros, para tambem crearem, ou pelo menos imitarem, poderá vir a ser uma origem importante de economia domestica, e ao mesmo tempo produzir bastante augmento nos gastos e commodidades da vida.

Sabemos que junto á Charneca, termo de Lisboa, dura ha já annos uma ignorada fabrica d'este pobre barro vermelho, onde os artifices, mais com o instincto e natural habilidade, do que por sciencia, fazem obras, cujo peregrino lavor e belleza causam admiração a quantos as contemplam. Um perfumador possuimos nós, carregado de ornamentos de folhagens, frutos, e aves, que pode figurar sobre um tremó, e que nada tem de pobre senão o haver custado 200 réis. Os pucarinhos e vasos de Estremoz são conhecidos em toda a parte.

Estes dois exemplos mostram facilmente

o a que n'este genero poderiamos chegar sem nenhum custo.

¿Que falta para isso?

Que uma alma de artista faça cá o que outra fez em França.

¿E por que o desdenharia?

Se de barro vermelho foi feito o homem, ¿por que se deshonraria elle de dar gloria á sua propria massa?

(*Rev. Univ.*)

CXIX

UMA TRADUCÇÃO ORIGINAL

(Fevereiro de 1844)

Deliciámo-nos em examinar, o mais de espaço que nos consentiram nossas muitas e mui apertadas obrigações, a traducção recem vinda a lume de ANNA DE GEIERSTEIN, de Walter Scott, pelo snr. André Joaquim Ramalho e Sousa, 4 volumes em 8.º; e, sem que nos influissem preoccupações de amisade antiga e inabalavel, sentimento bem cabido em toda a parte, menos, quanto a nós, em julgamentos litterarios, com perfeita paz da consciencia a saudamos por *traducção original*.

Annunciando no artigo 266 outro romance do mesmo autor, pela mesma incançavel penna passado para vulgar, dissemos com a mesma verdade inteira, que honra a quem a diz e a quem a recebe, que desejavamos que o snr. Ramalho «provasse a mão n'um diverso systema de traduzir, experimentando na sua *Anna de Geierstein* um pouco mais

de liberdade nas formas da elocução. Bem possue elle—accrescentavamos nós então—segundo nol o tem mostrado, sobejo cabedal da patria Lingua, para nos envolver toda aquella substancia ingleza nos nossos modos de exprimir e pensar, que são os que verdadeiramente dão a uma qualquer leitura o maior sabor e conchego.»

Quando aquillo punhamos, bem sabiamos nós com quem o haviamos. Veio o exito dar publico testemunho da bondade do nosso pensamento.

Sahiu o presente romance tão pontualmente entendido e trasladado como os tres precedentes, *Ivanhoe*, *Quintino Durward*, e *Kenilworth*, e podendo ainda, como elles, servir de exercicio pratico aos Inglezes no estudo do portuguez, e aos Portuguezes no estudo do inglez; mas notavelmente mais livre nas fórmulas accidentaes e indifferentes, e mais achegado ainda á nossa vernaculidade.

Nós, que nos podemos presar de conhecer os grandes cabedaes litterarios do snr. Ramalho, e a sua probidade, verdadeiramente de outras eras, e tal, que nem em pontinhos de Linguagem se poderá nunca desmentir, affoitamente dizemos, que, no muito que ha para louvar e agradecer n'estes seus trabalhos, já caros ao presente, e que mais caros serão ainda á posteridade, grande particularisação merece o exforço, com que submette de continuo a sua propria litteratura á do seu autor, e se abstem de o carregar (como tão facil lhe seria) de galas e joias, que um sizudo e indefesso estudo da nossa Lingua lhe tem accumulado,

e que um amor proprio, bem desculpavel, muitas vezes ha-de tental-o a empregar.

Não; o snr. Ramalho (e essa é, quanto a nós, a maior prova da sua opulencia) dá sempre em portuguez estreme, claro, e technico, a ideia, qualquer que seja, do seu original; e n'isso pára, resistindo virtuosamente á ancia de ostentar outros méritos, só porque vê incompatibilidade entre elles e o de traductor.

Quanto ao romance em si mesmo, sabem todos que é este um dos mais interessantes do rei dos novellistas modernos; e n'elle se reune o exacto conhecimento historico de personagens memoraveis, e o maravilhoso mais seductor dentro das raias do possivel, do verosimil, e até do certo.

Ficamos conhecendo a Suissa, a Borgonha, e a Inglaterra, os obscuros Cincinattos helvéticos, o terrivel Carlos *Temerario,* a desgraçada e sublime Margarida d'Anjou, e o coroado Anacreonte, o Rei Renato. Ao mesmo tempo, um interesse mais poderoso que o das *Mil e uma noites* nos é infundido e conservado até ao fim pelo santo Vehme, esse tenebroso e ás vezes ensanguentado berço da moderna maçonaria; e pelo mysterioso caracter de Anna, pelas preoccupações, que a fazem ter por um ente de especie unica, e pelas admiraveis tradições ácerca da sua origem sobrenatural.

Os applicados, e os só divertidos, egualmente sacarão proveito d'esta leitura. E' a Historia, sem perder o seu caracter, brincada no romance, e aprendida sem enfado; é a tão formosa e esquecida Lingua portu-

gueza, resuscitada e enthronisada no logar mesmo onde a fizeram soffrer martyrio: na imprensa da traducção.

Um livro feito com a sciencia e consciencia com que este foi, e com que o serão todos os que se recommendarem pelo nome do snr. Ramalho, valer-nos-ha de muito no tribunal dos nossos netos; com elle se descontarão cincoenta d'esses broxados escandalos e parvoices, com que, sob o pseudonymo de *versões*, de todas as partes e todos os dias se estão impunemente apedrejando a moral, a litteratura, a linguagem, o senso commum, as bolsas, e a paciencia dos leitores.

(*Rev. Univ.*)

CXX

O QUE SE TIRA DE TRATAR COM AMOR OS ANIMAES

(Fevereiro de 1844)

Não obstante a superabundancia, que sempre temos, de materias originaes para a nossa folha, cedemos á tentação de traduzir para ella o seguinte, de um jornal scientifico de França; que, sobre ser util aos lavradores e aos creadores de gados, utilissimo pode ser aos paes, mães, mestres, e mais creadores da infancia e adolescencia.

E' uma prelecção de Historia natural, em que virtualmente se contém uma prelecção social de grande tomo:

*

«Os animaes creados com suavidade saem expertos, activos, e dóceis; trabalham sem repugnancia; as forças que teem, empregam-n-as sempre, e por modo certo; e fazem muita obra sem se estafarem.

«Os que teem viajado nas partes do Le-

vante, attribuem o possuir o cavallo arabe tantas excellencias, e o mostrar sempre em todos os lances a seu dono tanta lealdade, aos desvelos com que lá o criam na propria tenda da tribu. O Circássio é n'isto como o Beduim: trata o cavallo como ao filho; com elle dorme; com elle brinca; não o espanca por mais travessuras que lhe haja feito; reduzindo o castigo (onde o caso lhe parece requerel-o de veras) em interromper-lhe por um poucochinho os folguedos e os affagos; da qual privação teem aquelles brutos mais pena, que se os moêram com pancadas. Quando chegam a poder com um homem, deixam-se dirigir ao sabor e phantasia do cavalleiro, sem haverem mistér de nenhum genero de aperreamento.

«Assemelham estes cavallos aos do Nedji, da Arábia, assim pela estampa, como pelo veloz e seguro do correr, pelas forças e espiritos generosos e benignidade da condição. São muito penetrativos; percebem pelos ares o que lhes diz o dono.

«Vê-se o cavalleiro circássio n'uma batalha apertada, constrangido a ir retirando; pretende, ainda então, deter o inimigo, ou refrear-lhe os impetos da arremettida; faz signal ao cavallo que se deite, se estire, e se finja morto; deita-se o cavallo; deita-se por traz d'elle o homem; assenta o cano da arma sobre a cabeça do bruto; aponta; dispára.

«Regala ver estes bons quadrupedes, quando andam a brincar com as creanças: estão por tudo quanto lhes ellas fazem, e põem mil sentidos em as não molestarem, nem por sombras.

«Os animaes creados com selvajaria saem sempre malignos; fazem-se estupidos, desconfiados, e desobedientes. Quasi que não ha cavallo mau, que o não seja por ter sido maltratado em pequeno. Haveria nascido com genio; veio um bruto embebel-o de colera vingativa; e tanto bastou, para ficar odiando a toda a especie humana.

«O desabrimento é um pessimo systema para querer dominar os brutos. Por muita gente o seguir, é que se estão vendo algumas raças, por estas nossas terras, serem tão engoiadas e débeis, não obstante o muito que se gasta em as manter.

«Não ha dono algum de gado, que não tenha notado nos seus curraes a differença de magreza de algumas bestas, que aliás não comem menos, nem trabalham mais, que as suas companheiras. As que andam á conta de moços de mau genio, raivosos e desassisados, que as atormentam sem quê nem para quê, estão sempre desserviçaes, muitas vezes mancas e doentes; pelo commum são molles; só trabalham quando lhes dá na cabeça; e se lhes batem, cobram por alguns momentos um esforço desordenado, atiram-se pelos ares, tomam para a direita e para a esquerda, escorregam, caem, estropiam-se; distendem ligamentos, apanham contusões, fracturas, e aneurismas.

«Os animaes maltratados andam sempre tristes; e o veneno sullapado da melancolia os derranca a olhos vistos; digerem mal; teem indigestões amiudadas; trazem a pelle sobre os ossos, e o pêllo aguado. Não sei se é por se lhes ter aguado a constituição, se

por andarem sempre com medo da gente, nem o mantimento nem o penso que recebem lhes luz nada.

«Os lavradores que engordam rezes para o talho, sabem, por experiencia, que os bois, que são amigos do boieiro, que lhe andam sempre na pista, que se alegram quando elle lhes faz festa, engordam muito mais depressa que os ariscos e semi-silvestres, que, em vendo avisinhar-se a pessoa que trata d'elles, já se põem a olhal-a de revéz e desconfiados.

«Nas femeas vê-se quanto o agazalho e carinho influem na secreção e excreção do leite. A mão, que ellas sabem ser sua amiga, e a bocca da sua cria, causam-lhes nas têtas certa sensação deleitosa, que se conhece muito bem pelo modo como o animal se põe a remoer pausadamente, e olhar para a ordenhadeira com satisfação e affecto. Este estado de erecção nos úberes é favoravel á secreção, e necessario á excreção do leite. As vaccas, em quem esta erecção se não dá, as que padecem saudades dos seus bezerrinhos, as que são tratadas por pessoas extranhas ou brutas, não dão muitas vezes nem gôtta de leite; e muitas e muitas ha, que se não deixam mungir senão de mãos conhecidas e amigas; ou quando primeiro as brindaram com alguma gulosina.

«Os toiros paes necessitam de exercicio para conservarem a faculdade prolífica, e gerarem filhos robustos. Se as vaccas folgam com ocio no seu curral, o toiro ha-de transpirar, para que se não torne obéso, perigoso, e inimigo do homem. A' força e pelo rigor,

não ha leval-o; só com um trabalho módico, e muita benignidade, é que se conserva agil, tratavel, e amigo.

«Desde novilho o hão-de ir acostumando á colleira e ao tirante, para poderem lançar-lhe a canga, e sujeital-o a fazer alguns trabalhos brandos, e compativeis com a sua edade, taes como carreações leves, gradar, etc.

«Antes da edade de quatro ou cinco annos, não se lance ao toiro carga sobre o espinhaço, para lhe não retorcer e desfigurar a columna vertebral, o que o tornaria mau para a geração, por ser aquelle um defeito, que os filhos herdam. Não devem castiçar mais de uma vez por dia, mormente em quanto não vingaram os primeiros tres annos. O praso de começarem a fecundar é entre os quinze a dezoito mezes, segundo estiverem medrados.

«Antes dos quatro annos não convem dar-lhes aveia, salvo se tiverem de os obrigar a algum trabalho mais aspero. No inverno, feno e raizes; no verão, herva; e em todas as estações um punhado de sal pela manhan em jejum. Com isto se fazem afeiçoados ao homem, trazem as secreções desembaraçadas, e o pello luzidio até no inverno.

«Um ponto muito importante é que todos os dias infallivelmente se hão-de limpar com almofaça, brussa, e luva; sem isso, teem comixões na pelle, que os fazem inquietos e malfazejos. Precisam de se coçar; e, apenas acham aberta, vão esfregar-se por onde podem; é portanto bom precaver-lhes, a tempo, e em casa, esta necessidade. O va-

queiro que alimpa, é sempre bem recebido pelo gado com alegria. Não ha toiro, que não olhe com gosto a quem lhe apparece de almofaça em punho.

«Os castigos, de que os animaes realmente carecem, hão-de-se-lhes applicar com discernimento, dando-lhes a conhecer que para aquillo tiveram culpas; e isto immediatamente depois do castigo, a fim de que, para o diante, a lembrança de desatinar lhes venha sempre acompanhada da lembrança da pena. Tudo está — diz Rodat — em saber dar aos brutos a consciencia das suas maldades; sem o quê, lá lhes fica a ferver mudamente no interior o sentimento da injustiça.

«Em quanto os animaes são moços, hão-de-se tratar sempre com brandura. Ha-de-se-lhes captar a affeição com caricias, gulodices, assucar, e sal. Os animaes podem ser educados sem brutaria nem pancadas. Todos os nossos sentimentos para com elles, sabem-n-os elles entender e apreciar. São susceptiveis de amisade, de temor, e de respeito; e alguns teem muita presumpção. Necessitam de ser amados, acarinhados, e louvados. Devem-se castigar pelo estylo dos Circássios, que é prival-os das mostras de affeição que lhes costumavam dar.

«Muitos animaes ha, que não são bravos senão por terem demasia de forças; esses taes são impacientes, incapazes de estar parados, ou de obedecer. Seguem involuntariamente todas suas phantasias. O remedio é diminuir-lhes a mantença, sangral-os, e sujeital-os a trabalhos acres, que lhes gas-

tem o superfluo da vitalidade, e os tornem mais dóceis. Se ainda não bastar, é bradar-lhes rijo, e ameaçal-os; mas isso com parcimónia, porque as ameaças muito amiudadas perdem a sua virtude medicinal.

«Os instrumentos de espancar, só em casos extraordinarios hão-de servir, e hão-de sempre preferir-se aquelles, que não poderem fazer ferida nem contusão, mas só dôr passageira, ainda que seja muito viva.

«Além dos meios ordinarios de correcção, tambem o prival-os do somno ou da comida é receita muito averiguada para os domar. O modo é facil; passam-se alguns dias sem os deixar dormir nem comer, e depois vai-se ter com elles, apresentando-lhes boa pitança. Se estão dóceis e obedientes, deixam-se comer e ficar em socego; quando não, continua-se-lhes com o jejum e com a vigilia.»

(Rev. Univ.)

CXXI

JUSTIÇA LITTERARIA

(Fevereiro de 1844)

Uma divida nacional, já de alguns annos, acaba de ser paga pela Academia Real das Sciencias de Lisboa na sua sessão de 21.

Ali se proclamou unanimemente para Socio o nosso amigo Alexandre Herculano de Carvalho e Araujo.

A Academia, fazendo um acto de justiça, adquiriu ao mesmo tempo um grande lustre, encorporando em si tão bello nome, e uma utilidade ainda maior, pela grande somma de conhecimentos historicos já enthesoirados pelo novo adepto, e pela sua incançavel assiduidade em trabalhar.

(*Rev. Univ.*)

CXXII

NECROLOGIO.

D. MARIA ANNA DE SOUSA HOLSTEIN

(Abril de 1844)

A Ex.ma Snr.a D. Maria Anna de Sousa Holstein Beck, filha, ornamento, e amores da Casa ducal de Palmella, acabava de prendar a seu marido, o Ex.mo Snr. Luiz Brandão de Mello, com segundo fruto e novo penhor da sua mutua affeição, quando o alvoroço do bom successo se trocou em cuidados, e os cuidados se desataram em luto. Sobreviera ao parto uma inflammação.

Acudiu a Medicina, chamada a vozes pela familia; acudiram os remedios espirituaes, invocados desassombradamente pela enferma, que logo pressentiu e annunciou chegada a sua hora.

A 20 do corrente, no meio de uma consternação profunda e geral, se exhalou, serena e contente, para o Ceo uma alma candida, amante, e bemfazeja como os Anjos,

levando por corôa e joias todos os generos de virtudes, e não deixando na terra, em torno de um cadaver, em cujo rosto o ultimo suspiro imprimira uma paz imperturbavel, mais do que memorias duradoiras dos exemplos que déra, dos beneficios que espalhára.

E em verdade, que n'uma existencia de vinte e tres annos incompletos, ninguem semeou nunca no mundo dos ingratos maior numero de gratidões sinceras e ferventes.

A beneficencia era a sua virtude de virtudes; herdára-a com o sangue; crescêra-lhe ao bafo maternal; e, fortificada pelo exemplo domestico, e por uma piedade christianissima das mais sinceras, se lhe convertêra em paixão e em necessidade.

Raras vezes a fortuna depositou riquezas em mãos tão faceis de abrir; rarissimas as graças do espirito, a instrucção, e a autoridade, que dão um nascimento nobre e uma posição brilhante, se reuniram para consumar, sem estrondo nem alardo, tantos beneficios ao mesmo tempo. Não se contentava de repartir o pão, o vestido, e os remedios aos necessitados; despender o oiro, muitos o fazem; comprazia-se de confortar as penas, que o oiro não allivia; deliciava-se em instruir os ignorantes, em doutrinar os rusticos, em encaminhar, pela palavra como pelo exemplo, para o Ceo todos aquelles, a que se podia extender a sua influencia.

Pregoamos o que muitas boccas folgariam de poder confessar perante o mundo todo.

A sua despedida foi ainda um beneficio, e uma lição.

Ella, que entre seus paes, seus irmãos, seus filhos, seus parentes, seus creados, era a unica impertérrita, de olhos enxutos e satisfeita, aproveitava o ultimo de suas forças para prover de consolação aos que ficavam, para lhes revelar o que só ella, ao hombral da Eternidade, estava já descortinando; para lhes prégar com a prática de todas as necessarias virtudes a da mais necessaria e difficil: a da resignação; para supplicar orações, e repartir esmolas; para, finalmente, encommendar ao Sacerdote, a quem pela ultima vez acabava de descobrir a sua consciencia santa, que não desamparasse tantos corações orphãos do seu amor, antes de os sentir repassados, até ao intimo, dos confortos da Religião.

A 22 se lhe fizeram solemnes exequias de corpo presente, com innumeravel concorrencia de Nobreza e Povo, na parochial egreja de Nossa Senhora da Encarnação, distribuindo-se avultadas esmolas aos pobres, não poucos dos quaes as molhavam com suas lagrimas.

O cadaver, segundo ouvimos, vai ser trasladado por mar para a cidade do Porto, para repoisar no jazigo do viuvo.

(*Rev. Univ.*)

CXXIII

GRANDE CHAVE DO CEO FORJADA PELO HOMEM

(Abril de 1844)

Contámos em o nosso artigo 681 a temerária empreza, em que se mettêra Lord Rosse, de forjar o mais agigantado telescópio que se podesse imaginar.

Aos 15 de Abril de 1842 tinha concluido, como dissemos, com a maior felicidade, a fundição do *reflector*, da extraordínaria grandeza de seis pés de diametro, cinco polegadas e meia de grosso pela borda, e cinco ao centro. Ia entrar para o forno da estufa, onde tinha de jazer dois mezes para se recozer e esfriar; depois do que, havia de ser torneado e polído; difficuldade, que não era talvez de todas a menor.

Lemos hoje na *Revista encyclopedica*, de Fevereiro ultimo, que finalmente se acha rematada em boa hora, assente, e prestes, esta scientifica maravilha da nossa edade.

A materia de que se compôz o *speculum*, ou *reflector*, é mais dura que o aço, mas tão

fragil, que uma pequena pancada a pode fazer pedaços, e o minimo grau de calor, que sem precaução se lhe communique, a rachará.

O canudo do telescópio tem de comprido 52 pés inglezes.

Para que se imagine, pouco mais ou menos, o que por esta porta do ceo se ha-de descobrir, cabe notar que um telescópio de sós 15 polegadas de diametro, de que em Inglaterra se serve Mr. Edmondson, não augmenta senão mil vezes os objectos; e ainda isso quando todas as condições são a seu favor; porque, pelo commum, só os amplifica entre 220 a 700. Ora, é de presumir que a força do telescópio de Lord Rosse, que tem 72 polegadas, augmentará os objectos na proporção do quadrado de 15 para 72, pressupondo que as superficies de um e de outro tenham egual perfeição, e a luz o mesmo gráu.

Já por via de um telescópio de 36 polegadas de diametro, actualmente empregado nas observações astronómicas de Parsontown, se tem chegado a distinguir alguma coisa n'esses grupos de estrellas, que não pareciam de cá senão umas leves manchasinhas no ceo, e que hoje se differençam, e nos vieram revelando novos mundos. ¡Que não será agora!

O que sobretudo é mistér, é mandar observar a Lua por este lince irlandez, e perguntar-lhe a elle o que por lá vai; porque dizem já os calculadores, que, na distancia em que a Lua nos anda, se poderia claramente distinguir um corpo, que não fosse menor que um edificio ordinario.

D'onde se segue, que tudo que lá houver d'esse tamanho, e d'ahi para cima, nos ha-de ser patente, e que d'esta feita se realisará esse bello romance dos descobrimentos na Lua pelo neto de Herschell, que ha poucos annos alvoroçou todos os jornaes d'essa Europa.

Não voaremos por ora nas carroagens de Mr. Henson, mas conheceremos um pouco o territorio dos nossos irmãos lunáticos; e se lá ha tambem uma Irlanda, e n'ella um Lord Rosse, não devemos desesperar de recebermos algum dia, pelo telegrapho, noticias dos O'Conneis do ultra-ar. Em todo o caso, teremos a carta geographica e hydrographica da nossa satellite, uma estatistica da sua navegação (pressupondo que navegam), uma descripção das suas florestas, das suas cidades, estradas, e aldeias, das suas batalhas, a que poderemos assistir sem desconhecer o fim util, como tantas vezes nos acontece com as cá de baixo, dos seus monumentos com ou sem estatuas, e de mil outras curiosidades muito para folgar.

Apesar de seu enorme pezo, tão industriosamente está armado o telescópio de Lord Rosse, que uma só pessoa, sem grande exforço, o pode mover e apontar para onde lhe convenha.

(*Rev. Univ.*)

CXXIV

CONCURSO BIBLIOGRAPHICO

(Abril de 1844)

Na quinta feira 11, pelas 3 horas da tarde, assistimos, na Bibliotheca Nacional d'esta Côrte, ao concurso e exames de quatro oppositores ao logar de Official da secção dos Manuscritos e Bellas-Artes da mesma Bibliotheca.

O Conselho, a quem pertencia julgar só per si, teve a louvavel delicadeza de pedir e tomar em escrutinio secreto os votos de todos os empregados da Casa, e mais litteratos assistentes, sobre o merecimento comparativo de cada um dos candidatos, em relação á parte publica e oral do seu exame.

Esta votação, puramente consultiva, sahiu favoravel ao snr. Antonio da Silva Tullio, cuja vocação bibliographica e archeologica é já por provas assaz bellas conhecida.

Esta preferencia é tanto mais honrosa, quanto o candidato tinha que lutar com outros concorrentes, dos quaes dois deram

tambem notaveis provas de saber amadurecido pela prática.

A aquisição do snr. Tullio, se sobre elle houver de recahir a escolha do Conselho, e a decisão do Governo de Sua Majestade, será seguramente um serviço prestado ás Lettras patrias, das quaes este nosso distincto collaboradar será dentro em pouco um dos mais conspicuos ornamentos.

(Rev. Univ.)

CXXV

ALEXANDRE HERCULANO

ANNAES D'EL-REI D. JOÃO III

(Maio de 1844)

Acabam de sahir á luz os *Annaes d'el-Rei D. João Terceiro, por Frei Luiz de Sousa, publicados por Alexandre Herculano*, 1 vol. de 494 paginas in 4.°, impresso com aceio e correcção.

N'um curioso prologo dá conta o editor do como se fez a achada d'este precioso manuscrito, que se julgava perdido, tantos annos havia, com grande lástima dos estudiosos, assim da Historia como da Linguagem portugueza; e expõe as irrefragaveis provas de ser, não só autógrapho mas rascunho.

¡Oxalá que outro acaso, quando já não sejam diligencias e buscas, mandadas fazer a rogos do nosso Governo nos archivos de Castella, descubra a parte que ainda nos fica faltando d'esta obra, e que, não sem bons fundamentos, se julga haver sido re-

mettida pelo autor para a Côrte, que então era em Madrid!

Como quer que seja, foi este descobrimento um successo de importancia; e a publicação de tal livro um favor, que ha-de ser por muita gente festejado, como o é por nós.

O original, que se guarda na Real Bibliotheca da Ajuda, não tem só o valor de ser todo da lettra de Frei Luiz de Sousa, da qual no fim do prologo se nos dá um *facsimile*; mas pelas emendas, suppressões, rescripções, additamentos, hesitações, e mudanças de todo o genero, de que está razo, como que nos faz assistir ao trabalho secreto de tal mestre, nos revéla os seus escrúpulos, e parte dos seus segredos de estylo, e vantajosamente nos confirma n'esta verdade, só ignorada dos escritores mediocres: que a pagina, que mais facil se representa a quem a lê, e que, por sua natural singeleza, parece ter sahido logo assim do primeiro jacto, e poder ser imitada por qualquer, é muitas vezes a que mais consumiu de estudo e paciencia.

D'isto rirá por ahi muita gente; mas não riria Virgilio, nem Horacio; não riam Boileau, Fénelon, Racine, e Rousseau; e não ria de certo o bom chronista de D. Frei Bartholomeu dos Martyres, dos Dorminicos, e de D. João III. Quem o duvidar, que lance os olhos por qualquer d'aquellas laudas, sobre que tanto se cançou a mão de escritor já tão exercitado, que transcendia dos setenta annos.

(*Rev. Univ.*)

FIM DO QUINTO VOLUME